

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIDELZA LUCIANO CAVALLI
SUELLEN RAMOS CORRÊA VETTORELLO

A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORAS

CURITIBA
2014

MARIDELZA LUCIANO CAVALLI
SUELLEN RAMOS CORRÊA VETTORELLO

A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO DE
PROFESSORAS

Trabalho apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia no curso
de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dra. Helga Loos-Sant'Ana.

CURITIBA
2014

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, que nos deu sabedoria, força e coragem, guiando os nossos passos rumo a esta conquista.

Aos nossos esposos, que durante esta caminhada nos incentivaram com amor e paciência.

Aos nossos pais, irmãos, familiares e amigos, que de certa forma estiveram presentes nos dando todo o seu apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Universidade Federal do Paraná, pela maravilhosa oportunidade de realização desta Graduação.

A todos os professores que fizeram parte da nossa vida acadêmica e nos oportunizaram a cada dia um novo aprendizado.

À nossa orientadora, Profa. Dra. Helga Loos-Sant'Ana, que através do amplo conhecimento ministrado em suas aulas nos motivou a escolhê-la para orientação deste trabalho. Obrigada pela orientação, apoio e confiança.

À Profa. Dra. Tamara da Silveira Valente, que prontamente aceitou o convite para compor a banca de avaliação deste trabalho.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

RESUMO

Através da percepção de que o tema sexualidade ainda é revestido de muitos mitos e tabus, principalmente quando se trata do trabalho com crianças, surgiu a necessidade de investigação sobre esta temática. O levantamento bibliográfico contempla a visão de sexualidade na perspectiva Psicanalítica, tendo como principal autor Sigmund Freud, além da visão Emancipatória e Transversal, bem como nos Fundamentos Legais vigentes (PCN's e RCN). Além disso, o presente trabalho se propõe a analisar relatos de professoras da Educação Infantil que atendem a crianças de três a cinco anos, buscando visualizar aspectos relevantes da sexualidade infantil no ambiente escolar: (1) manifestações das crianças; (2) a visão e o posicionamento das professoras entrevistadas quanto ao assunto. Foi utilizado como instrumento para a obtenção dos dados um roteiro de entrevista semi-estruturado, aplicado a seis professoras (sendo três da rede pública e três da rede privada) de duas instituições localizadas na região norte de Curitiba-PR. Finalmente, o trabalho encaminha questionamentos sobre a eficácia da formação de professores com relação à abordagem da sexualidade na Educação Infantil.

Palavras-chave: Sexualidade Infantil, Educação Sexual, Educação Infantil.

ABSTRACT

Through the perception that the sexuality is still an issue full of myths and taboos, especially when it comes to working with children, our need to investigate this theme has arisen. The Bibliographical survey discusses the sexuality in psycho-analytic perspective, having as main author Sigmund Freud, Besides the emancipatory vision and transversal, as well as the current legal foundations (PNC's and RCN). Furthermore, the present study aims to analyze reports of kindergarten teachers who work with children aged between three and five, in order to know relevant aspects about infantile sexuality in the school environment: (1) manifestation of children; (2) the vision and position of the teachers interviewed about this issue. We used a semi-structured interview script as an instrument to obtain data, applied to six teachers (three from public network and three from private network) in two institutions located in the North Region of Curitiba –PR. Finally, the work forwards questions about the effectiveness the teacher's formation in relation approach to the sexuality in Early Childhood Education.

Keywords: Infantile sexuality, Sexual Education, Early Childhood Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 SEXUALIDADE INFANTIL E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO	12
3.1 ABORDAGEM DA SEXUALIDADE SEGUNDO A PSICANÁLISE	12
3.1.1 Pulsões.....	13
3.1.2 Fases do Desenvolvimento Sexual Infantil.....	14
3.2 ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA VISÃO EMANCIPATÓRIA.....	20
3.3 ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA TRANSVERSAL	23
4 QUESTÕES EMERGENTES NA ATUALIDADE	27
4.1 SEXUALIDADE INFANTIL E ADULTIZAÇÃO PRECOCE	27
4.2 SEXUALIDADE INFANTIL E ABUSO SEXUAL	29
5 SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.....	34
5.1 A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	34
5.2 FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS SEGUNDO OS PCN'S.....	35
6 PESQUISA DE CAMPO.....	41
6.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	41
6.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES.....	64

1 INTRODUÇÃO

A ideia para elaboração deste estudo veio após o relato de uma mãe que estava indignada com a instituição de ensino que seu filho de cinco anos de idade frequentava. Essa mãe relatou que encontrou o menino no banheiro de casa introduzindo o dedinho em seu orifício anal, ela conta que manteve a calma e perguntou por que ele estava fazendo aquilo e a criança respondeu que seu coleguinha da escola o tinha ensinado e que eles fazem isso quando vão ao banheiro. A primeira atitude que a mãe tomou em concordância com o pai da criança foi retirá-la da escola, não considerando a hipótese de ir até o estabelecimento conversar com a professora e/ou pedagoga.

Após este relato, uma série de lembranças veio a nossa mente; relatos de pedagogas que já haviam presenciado situações parecidas, casos que vimos durante estágios realizados nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's), sem falar de fatos semelhantes ocorridos com familiares, que desencadearam brigas entre as mães das crianças. Como pudemos ver, essas manifestações sexuais ocorrem com frequência, talvez mais frequentemente do que podíamos imaginar, e a escola não tem como ficar de fora, principalmente quando se trata da Educação Infantil. Estes acontecimentos nos levaram a uma série de questionamentos acerca da sexualidade na infância, como: é normal uma criança masturbar-se? É normal esta atitude junto aos seus coleguinhos? Como estas situações são percebidas pelos professores? Como estes compreendem esses comportamentos e agem diante deles? Como devem proceder perante situações como a citada anteriormente? Há diálogo entre professores e os pais sobre esse assunto? Essas manifestações possuem alguma relação com a adultização precoce? Podem ser sinais de abuso sexual infantil?

Com o intuito de levantar informações para as inquietações citadas acima, optamos por abordar a Sexualidade Infantil primeiramente pela ótica da Psicanálise, já que os estudos desenvolvidos por Sigmund Freud são considerados pioneiros nesta temática. Em seguida, o tema será abordado através da visão Emancipatória da autora Dilma Freitas, passando ao olhar das autoras Ana Maria Faccioli Camargo e Cláudia Ribeiro, que apontam a Sexualidade Infantil como Tema Transversal. Além disso,

buscamos analisar questões referentes à Adultização Precoce e Abuso Sexual Infantil, procurando uma melhor compreensão sobre o assunto e identificação da relação com a sexualidade na infância. A investigação segue procurando perceber sua repercussão dentro do espaço escolar, mais especificamente no âmbito da Educação Infantil. Após o apanhado da bibliografia existente, serão explanadas algumas considerações levantadas através da pesquisa de campo realizada, que teve como intuito escutar alguns professores da área, bem como conhecer as situações vivenciadas diariamente, as dificuldades encontradas na realização do trabalho voltado a essa temática, e também com relação ao preparo dos docentes e pais para enfrentamento das manifestações sexuais infantis.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar a percepção da sexualidade na Educação Infantil, bem como a atitude dos professores frente a essa temática.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar aspectos relativos à sexualidade na infância;
- Investigar, através de relatos das educadoras, manifestações relacionadas à sexualidade na Educação Infantil;
- Levantar alternativas para proceder diante de situações em que a criança expõe sua curiosidade e suas vontades acerca da sexualidade.
- Questionar se a formação inicial das educadoras é suficiente para a abordagem do tema;
- Incentivar o diálogo, a troca de opiniões e informações entre professores;
- Evidenciar a necessidade de desenvolver uma proposta educacional que forneça subsídios a uma adequada abordagem da sexualidade infantil.

3 SEXUALIDADE INFANTIL E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO

3.1 ABORDAGEM DA SEXUALIDADE SEGUNDO A PSICANÁLISE

Ao abordar a temática da Sexualidade Infantil a partir da visão da Psicanálise, seria impossível dissertar sobre o assunto sem fazer referência à teoria freudiana do desenvolvimento humano. Para iniciarmos a exploração do tema abordaremos três textos de fundamental importância para a compreensão da sexualidade infantil publicados por Sigmund Freud, médico neurologista, considerado o fundador da Psicanálise. São eles: *O Esclarecimento Sexual das Crianças* (FREUD, 1996b), *Teorias Sexuais das Crianças* (FREUD, 1996c) e *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (FREUD, 1996a).

Na visão de Freud, a sexualidade possui um amplo significado, que vai além da satisfação das necessidades fisiológicas. As características da sexualidade infantil são descritas em algumas de suas obras, expondo a existência de pulsões sexuais presentes desde o nascimento, uma vez que a criança é vista pelo autor como um ser sexuado. Tais pulsões são regidas pelo desejo e pela busca de satisfação prazerosa, sendo na infância predominantemente autoeróticas, na medida em que, satisfazem-se no próprio corpo. (FREUD, 1996a, p. 173). A obtenção do prazer está ligada ao estímulo de certas partes do corpo (parte da pele ou da mucosa) denominadas de zonas erógenas, que são predominantes na atividade sexual, no entanto, pessoas também podem ser tornadas como objetos sexuais. (FREUD, 1996a, p. 180).

O alvo sexual da pulsão infantil está na estimulação apropriada da zona erógena, provocando a satisfação, e é esta vivência de prazer que causa a necessidade de repetir a ação. (FREUD, 1996a, p. 173). Além disso, há outras fontes de excitação que podem gerar o prazer erógeno, como as excitações mecânicas proporcionadas pelas agitações ritmadas do corpo, as atividades musculares (lutas corporais, por exemplo), os processos afetivos mais intensos (como situações assustadoras ou de dor) e, por fim, o trabalho intelectual.

As fases do desenvolvimento sexual: oral, anal, fálica, período de latência e genital, são consideradas pelo autor as responsáveis pelo ligamento do desenvolvimento da libido (energia sexual) a cada uma das zonas erógenas. Ao explicar estas fases, Freud deixa claro que a sexualidade não está restringida a atividade genital, nem à procriação, tornando-se necessário diferenciar o termo sexual do genital para uma melhor compreensão da sexualidade infantil.

3.1.1 Pulsões

Acreditar que a pulsão sexual está ausente na infância e que aparecerá somente na puberdade demonstra, para Freud, um descaso com a infância, sendo considerado um fator desencadeante da ignorância atual sobre a vida sexual. (FREUD, 1996a, p. 163). Conforme o autor, o recém-nascido já traz consigo a sexualidade, sendo pequeno o número de crianças que chegam à puberdade sem vivenciar sensações e atividades sexuais, uma vez que os órgãos de reprodução não são as únicas partes do corpo que geram sensações de prazer sexual. No período da infância o prazer é produzido pela excitação das zonas erógenas, por instintos biológicos e pelos estados afetivos, tornando-se conhecido como autoerotismo. (FREUD, 1996b, p. 124-125).

Segundo Freud, a atividade sexual não é atribuída às crianças pelos adultos, “[...] o adulto não se esforça por observar seus indícios, suprimindo, por outro lado, qualquer manifestação dessa atividade que lhe chame a atenção” (FREUD, 1996c, p. 191). O autor levanta três questões importantes sobre o alumiar sexual das crianças: “[...] devem as crianças ser esclarecidas sobre os fatos da vida sexual, em que idade isso deve ocorrer e de que modo isso deve ser realizado” (FREUD, 1996b, p. 123). Ele acha esses questionamentos razoáveis, com exceção do primeiro, pois não entende com qual finalidade são negadas às crianças informações sobre a vida sexual dos seres humanos. (FREUD, 1996b, p.123). Para o autor “[...] certas coisas são, em geral, exageradamente encobertas. É justo conservar pura a imaginação de uma criança, mas não é a ignorância que irá preservar esta pureza” (FREUD, 1996b, p.124).

As crianças desejam aprender a respeito da sexualidade, portanto, cedo ou tarde levarão suas inquietações aos pais ou aos que cuidam delas. Sua curiosidade surge

pela chegada de um novo bebê ou a falta deste ao observar outros lares. A partir de então começam as investigações: De onde vem os bebês? No entanto, geralmente as crianças recebem respostas evasivas, são repreendidas por sua curiosidade ou obtêm a resposta mitológica de que a cegonha traz os bebês. Esta fábula da cegonha, com certeza não é uma das teorias sexuais das crianças, visto que logo percebem que o bebê cresce dentro do corpo da mãe (FREUD, 1996c, p. 194-195), partindo então para o próximo questionamento: como ele chegou lá dentro?

Freud aborda algumas teorias sexuais levantadas pelas crianças durante a infância, muitas vezes desconhecidas pelos adultos, como a ideia de fertilização pela boca, nascimento pelo ânus, relações sexuais entre os pais como algo sádico, posse do pênis por ambos os sexos. Essas hipóteses, apesar de apresentarem erros grotescos, ainda sim possuem um fragmento de verdade, atingindo o alvo por meio do instinto sexual presente no organismo infantil. (FREUD, 1996c, p. 195).

Geralmente a ocultação está no medo em despertar prematuramente na criança o interesse pelo assunto ou retardar a pulsão sexual, acreditando que não está na hora de tocar neste tema. De acordo com Freud (1996b, p. 124), os pais agem erroneamente, uma vez que a ocultação induz a criança a suspeitar da verdade, despertando a curiosidade e levando a criança a esmiuçar assuntos que não despertariam interesse se tivessem sido explicados no momento apropriado. A criança nunca ficará obcecada por tal assunto se for adequadamente satisfeita em cada etapa de sua aprendizagem, o esclarecimento da vida sexual desenvolvido gradualmente sem interrupções é a melhor forma de lidar com a situação. (FREUD, 1996b, p. 129).

O método habitualmente utilizado não é, obviamente, o correto: oculta-se das crianças todo conhecimento sexual pelo maior tempo possível, e então, em tempos pomposos e solenes, a verdade, ou melhor, uma meia verdade, lhes é revelada de uma só vez, em geral demasiado tarde. (FREUD, 1996b, p.128).

3.1.2 Fases do Desenvolvimento Sexual Infantil

Como citado anteriormente, no estudo das organizações das pulsões sexuais, estas foram agrupadas por Freud em fases do desenvolvimento. As três primeiras fases são chamadas de pré-genitais, já que as zonas genitais ainda não atingiram seu

papel predominante. Conforme o autor, normalmente estas fases são percorridas sem dificuldades. (FREUD, 1996a, p. 169).

1ª Fase – Oral (até aproximadamente 1 ano)

A primeira manifestação da sexualidade infantil é denominada de fase oral, pois é por meio das áreas da boca e dos lábios (zonas erógenas) que a criança começa a experimentar as sensações de prazer. Seus primeiros impulsos estão ligados às suas funções vitais, como a necessidade da ingestão de alimentos para a sua nutrição. A partir disso, o bebê percebe que o ato de sucção, desligado de sua atividade de alimentação também lhe proporciona por si só sensações prazerosas. Este ato será repetido pela criança independente de sua necessidade fisiológica, e ela poderá levar objetos à boca na busca pelo prazer (seja o dedo, a chupeta, o chocalho, as fraldas, etc.). Freud (1996a, p. 169) afirma que sugar o seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual, e que o chuchar (sugar com leite) aparece no lactante e pode permanecer na maturidade ou persistir por toda a vida da pessoa.

Essa primeira manifestação da sexualidade cria um elo entre a mãe e a sensação prazerosa proporcionada no ato de mamar ou de chuchar. Desse modo, o seio materno transforma-se no primeiro objeto de amor ligado à pulsão fora do corpo da criança (objeto externo), podendo ser substituído por uma área do corpo do próprio bebê (como o dedo polegar, por exemplo), ao tornar-se independente do ato nutricional, transformando-se em prazer autoerótico.

2ª Fase – Anal (aproximadamente de 1 a 3 anos)

A segunda fase do desenvolvimento é denominada de fase anal, uma vez que a zona erógena que recebe grande estimulação é o ânus, através da abundante excitação da mucosa nos processos de excreção e retenção das fezes. Assim como os lábios, a zona anal é mediadora da sexualidade em outras funções corporais. Esta zona erógena é de grande importância e durante toda a vida conserva uma parcela de excitabilidade genital. (FREUD, 1996a, p. 175).

Logo, as crianças percebem que é possível a obtenção do prazer através da evacuação ou retenção das fezes. E é aqui que

[...] os bebês se defrontam com o mundo externo como força inibidora, hostil, ao seu desejo de prazer, e tem certa antevisão dos futuros conflitos externos e internos. Um bebê não deve eliminar suas excreções em qualquer momento de sua escolha, e sim quando outras pessoas decidem que deve fazê-lo. Para induzi-lo a renunciar a essas fontes de prazer, é-lhes dito que tudo aquilo que se relaciona com essas funções é vergonhoso e deve ser mantido em segredo. Então pela primeira vez, a criança é obrigada a trocar o prazer pela respeitabilidade social. (FREUD, 1996d, p.320).

Por outro lado, a expulsão e retenção das fezes recebe um valor simbólico importante vinculado ao relacionamento da criança com a mãe, como significado de amor. Ao controlar seu esfíncter e evacuar no lugar e momento definidos pela mãe é uma forma de manter esse amor.

Para o lactante o conteúdo intestinal é

“[...] tratado como parte de seu próprio corpo, representando o primeiro ‘presente: ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação. Do sentido de ‘presente’, esse conteúdo passa mais tarde ao ‘bebê’, que, se segundo uma das teorias sexuais infantis, é adquirido pela comida e nasce pelo intestino” (FREUD, 1996a, p. 176).

3ª Fase – Fálica (aproximadamente de 3 a 5 anos)

A terceira fase foi denominada por Freud de fase fálica. É neste período que ocorrem as investigações sexuais, iniciadas pela ameaça trazida com a chegada ou suspeita de um novo bebê, bem como pelo medo de que este acontecimento ocasiona a perda de cuidados e amor. (FREUD, 1996a, p. 183). As investigações infantis se pautam no interesse em saber de onde vêm os bebês e como eles chegaram lá dentro. Baseadas em sua curiosidade e em algumas descobertas sobre a vida sexual, as crianças começam a formular suas próprias teorias sexuais, as quais serão explanadas a seguir.

A primeira teoria provém do desconhecimento das diferenças entre os sexos e consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis. Para o menino, é inconcebível imaginar alguém desprovido deste órgão, chegando a

conclusão de que as meninas o possuem mas que ainda não cresceu o suficiente. (FREUD, 1996c, p.196). Neste período pode instaurar-se o Complexo de Castração, pois, ao se dar conta que as meninas não possuem pênis, o menino acredita que este foi cortado ocasionando um medo intenso de que o mesmo fato possa acontecer com ele. Já as meninas se conformam facilmente ao avistar os genitais masculinos, sendo tomadas por um sentimento de inveja e desejo de ser um menino também. (FREUD, 1996a, p. 184).

Fixadas na hipótese de que a mãe possui um pênis, as crianças não conseguem avançar em sua investigação acerca da vinda dos bebês (por seu desconhecimento acerca da vagina e da penetração). Freud afirma que se as mesmas seguissem as pistas deixadas pela excitação do pênis, logo alcançariam suas respostas. A ignorância a respeito da vagina permite que a criança formule a segunda teoria sexual, que consiste no pensamento de que, como o bebê se desenvolve dentro do corpo da mãe, ele precisa ser retirado de alguma forma, que só pode ser pelo orifício anal. (FREUD, 1996c, p.198). Essa teoria nega às mulheres o privilégio de só elas darem à luz, pois se os bebês nascessem pelo ânus, os homens também poderiam fazê-lo. (FREUD, 1996c, p. 199). Antes de chegarem a essa hipótese, já havia sido pensado pelas crianças o nascimento pela barriga (aparecendo como uma massa uniforme ou como as fezes), também há a hipótese de que o umbigo se abre ou que a criança nasce pela área entre as mamas. (FREUD, 1996d, p.324).

A terceira teoria sexual é criada quando as crianças acidentalmente presenciam uma relação sexual entre os pais, e, sem conseguirem interpretar a cena, concluem ser um ato violento em que o mais forte impõem-se ao mais fraco. Esta situação é chamada por Freud de concepção sádica do coito. (FREUD, 1996c, p. 199).

Freud afirma que apesar dos erros grotescos presentes nas teorias sexuais infantis, há uma maior compreensão por parte das crianças acerca dos processos sexuais do que se poderia supor. As crianças poderiam descobrir o que tanto anseiam se não fosse o desconhecimento de dois elementos importantes: o papel do sêmen e a existência de um orifício sexual feminino, tornando a investigação infrutífera. (FREUD, 1996a, p.185).

Mais ou menos aos dez ou onze anos as crianças começam a ouvir falar de assuntos sexuais. Uma criança que cresceu numa atmosfera social menos

inibida, ou que teve melhores oportunidades de observação, conta às outras aquilo que sabe, pois isso a faz sentir-se amadurecida e superior. Os conhecimentos que as crianças adquirem dessa forma são na maior parte corretos, isto é, elas descobrem a existência da vagina e sua finalidade; [...]. (FREUD, 1996c, p. 202).

No entanto, o desconhecimento do sêmen ainda não permite a compreensão de todo o processo, sendo inimaginável por parte das crianças que o órgão sexual masculino possa excretar outra substância que não seja a urina. (FREUD, 1996c, p. 202).

As teorias são criadas com a finalidade de descobrir-se o enigma da própria existência. Freud afirma que as crianças produzem muitas ideias errôneas, porém, que se tornam inconscientes e reprimidas devido à amnésia infantil (um esquecimento dos primeiros anos da infância até seis ou oito anos, na maioria das pessoas).

Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. (FREUD, 1996a, p.165).

Antes de passar para a próxima fase, é de suma importância a explanação do Complexo de Édipo, visto que este ocorre enquanto a criança está atravessando a terceira fase do desenvolvimento.

Para descrever este complexo Freud baseou-se na história mitológica grega de Édipo Rei, escrita por Sófocles, em que Édipo, sem saber do parentesco, assassina o pai, Laio, e casa-se com a mãe, Jocasta. Ao descobrir que havia cometido ambos os crimes, Édipo cega a si mesmo e sua mãe comete suicídio. A semelhança com os estudos psicanalíticos provém do fato de que a criança sente-se atraída pelo progenitor (os meninos pela mãe e as meninas pelo pai) enxergando o outro como um adversário ao mesmo tempo em que demonstra grande afeição (os meninos pelo pai e as meninas pela mãe). Freud afirma também que

[...] os pais frequentemente exercem uma influência decisiva no despertar da atitude edipiana da criança, ao cederem ao empuxo da atração sexual, e que, onde houver diversas crianças, o pai dará definidas provas de sua maior afeição por sua filhinha e a mãe, por seu filho. (FREUD, 1996d, p. 337).

A finalização do Complexo de Édipo se dá através do Complexo de Castração (já citado anteriormente), em que o medo de que tal fato aconteça faz com que a criança se dedique à tarefa de desvincular-se de seus pais, reconciliar-se com os mesmos e dar início a busca por um objeto amoroso real externo. (FREUD, 1996d, p.340). Freud afirma ainda que percorrer o Complexo de Édipo faz parte do desenvolvimento normal do ser humano.

4ª Fase - Período de latência (aproximadamente de 6 a 10 anos)

Período de latência é a quarta fase denominada por Freud, podendo ser compreendida como um período de intervalo no desenvolvimento sexual infantil. Esta fase abarca o período de sublimação do interesse sexual, ou seja, a energia libidinal está investida em outro objeto, os impulsos são desviados do uso sexual e dirigidos para outras finalidades (geralmente socialmente valorizadas) como as interações sociais, atividades escolares, artes, etc. Segundo Freud,

vez por outra irrompe um fragmento de manifestação sexual que se furtou à sublimação, ou preserva-se alguma atividade sexual ao longo de todo o período de latência, até a irrupção acentuada da pulsão sexual na puberdade. (FREUD, 1996a, p. 168).

Neste período pode ocorrer uma mudança no relacionamento afetivo das crianças com os pais, proveniente da superação do complexo de Édipo. É aqui também que, de acordo com o autor,

erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais. (FREUD, 1996a, p. 167).

5ª Fase – Genital (aproximadamente de 11 a 12 anos)

Nesta fase as pulsões parciais se organizam ao redor da zona erógena genital (composta pelos órgãos sexuais propriamente ditos), tornando essa zona referência para o significado da sexualidade. Seu estímulo é provocado pela fricção manual ou

pressão exercida sobre as partes do corpo, e suas atividades configuram-se o início de uma vida sexual genital.

As mudanças advindas com o início da puberdade conduzem a vida sexual infantil a uma configuração definitiva, ou seja, até esse momento a pulsão sexual era autoerótica sendo transformada com o surgimento de um novo alvo sexual que atribui aos dois sexos diferentes funções. Assim, a pulsão sexual põe-se a serviço da função reprodutora passando a ser a última fase encontrada na organização sexual. (FREUD, 1996a, p.196).

Para completar as descobertas sobre a vida sexual infantil, é necessário acrescentar que frequentemente a escolha objetal ocorre na infância, aparecendo no desenvolvimento da puberdade em que as aspirações sexuais se voltam para uma única pessoa na busca de seus objetivos. (FREUD, 1996a, p. 188). O desfecho do desenvolvimento sexual infantil ocorre quando a obtenção do prazer encontra-se na chamada vida sexual do adulto, em que as pulsões parciais estão sob a predominância da zona erógena genital e se organizam na busca de um objeto sexual alheio.

Como vimos, Freud já possuía para a época uma visão avançada sobre a sexualidade infantil, e mesmo depois de tantos anos ainda é possível perceber o quanto esse assunto gera desconforto e é revestido de preconceitos. No próximo capítulo será explanada a visão Emancipatória da sexualidade, que vem trazer argumentos visando a libertação de tantos mitos e tabus que revestem essa temática.

3.2 ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA VISÃO EMANCIPATÓRIA

A autora Dilma Freitas¹, em seu texto *“Pressupostos de uma Formadora em Educação Sexual. Lições da Prática. Que Rastros temos deixado pelo caminho?”*, traz a educação sexual em uma perspectiva emancipatória. Seus estudos foram baseados no trabalho de César Nunes (1996), que apresenta quatro abordagens dominantes em

¹ Especializada há mais de quinze anos em Educação Sexual pela Universidade do Estado de Santa Catarina, experiente docente nesta área, atuante no Sul do Brasil e em Portugal.

educação sexual nos sistemas educacionais brasileiros, sendo uma delas a emancipatória. (FREITAS, 2012, p. 39).

As inquietações desta autora surgiram em decorrência da percepção de que a educação sexual na infância ainda é revestida de tabus, de ideias pouco abertas, distorcidas e preconceituosas, muitas vezes devido à falta de conhecimento por parte dos educadores (família e escola). Conforme Freitas (2012, p.37) “muitos(as) educadores(as) continuam a ver as crianças como seres ‘puros’, assexuados, apesar da contribuição significativa da Psicanálise, que colocou em evidência a sexualidade infantil, até então negada ou desconhecida”. Antes de iniciar suas explicações acerca da visão emancipatória, Freitas considera de extrema importância realizar a diferenciação dos conceitos sexualidade e sexo, visto que geram grande confusão e que são geralmente reduzidos aos órgãos genitais e às relações sexuais.

Segundo a autora, o sexo está contido na sexualidade, no entanto, está diretamente ligado ao aspecto biológico, ao ato de fazer sexo, à obtenção do prazer, à diferença física entre o homem e a mulher. A sexualidade, por sua vez, é muito mais abrangente, pois envolve o indivíduo como um todo, incluindo “[...] os aspectos morais, éticos, estéticos, religiosos e culturais. A sexualidade refere-se a construção, reconstrução dos valores dos aspectos supra citados” (FREITAS, 2012, p. 41). Dessa forma, ela afirma ser possível a desconstrução da sexualidade que foi historicamente construída sob as bases da repressão, e sua reconstrução sob as bases emancipatórias. (FREITAS, 2012, p. 41).

Em suas análises, Freitas afirma que o modelo repressor da sexualidade (repleto de mitos e tabus) ainda se encontra muito presente. A autora destaca que muitos avanços já foram conquistados neste sentido, mas que ainda não somos livres para tomarmos a decisão que melhor nos convier. (FREITAS, 2012, p. 42). E o problema é que, enquanto educadores, continuamos a transmitir esse modelo para as crianças, porque fomos constituídos dessa forma. Devido a isso, a autora defende que a educação sexual intencional numa perspectiva emancipatória “[...] é um caminho possível para a superação dessa repressão sexual e para a compreensão e aceitação da criança como um ser sexuado” (FREITAS, 2012, p. 45).

Com o intuito de clarear a intencionalidade dessa forma de educação sexual, Freitas explana separadamente os conceitos de educação sexual intencional e de emancipação, os quais veremos a seguir. Sendo, a educação sexual compreendida como “[...] todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade” (WEREBE, apud FREITAS, 2012, p. 46), a autora conclui que esta acontece diariamente, intencionalmente ou não, através da cultura em que vivemos, das palavras que dizemos, dos gestos, atitudes e exemplos que expressamos. (FREITAS, 2012, p. 47). A diferença é que no trabalho intencional tem-se a clareza do que se está realizando e de que forma. Na maioria das vezes este tipo de trabalho é realizado pela escola (com aulas previamente planejadas e um objetivo a se atingir), mas pode e deve ser realizado pela família quando esta dá espaço ao diálogo aberto e tem certeza dos valores que quer construir em seus filhos. (FREITAS, 2012, p. 48).

Já o conceito de emancipação defendido pela autora refere-se a uma educação sexual livre da hegemonia repressora, que abrange uma abordagem política e um compromisso com a transformação social, que é capaz de ser crítica, criativa e problematizadora. (FREITAS, 2012, p. 49).

Um trabalho de educação sexual intencional numa perspectiva emancipatória é aquele em que a família e a escola, de forma consciente, por meio do diálogo aberto e da informação coerente, livre de preconceitos e adequada a cada faixa etária, conduzem o processo de educação de suas crianças e jovens, tornando-os mais informados/as, mais críticos e mais responsáveis por suas atitudes e suas escolhas. Significa educar as crianças e os jovens para que se tornem adultos sexualmente saudáveis. (FREITAS, 2012, p. 50).

Freitas estabelece seis pressupostos que considera de fundamental importância para a realização do trabalho de educação sexual intencional na perspectiva emancipatória. Primeiro: estar consciente da diferença existente entre os conceitos de sexo e sexualidade. Segundo: reavaliar os conceitos e preconceitos que possuímos acerca da sexualidade, bem como refletir sobre o tipo de educação sexual que recebemos e o tipo de educação que queremos realizar. Terceiro: buscar compreender a sexualidade infantil, entendendo que esta é diferente da sexualidade adulta. Quarto: assimilar que todos nós somos educadores sexuais e estabelecer se queremos realizar

o trabalho de forma intencional ou não, emancipatório ou não. Quinto: perceber que ao trabalharmos valores relativos à sexualidade não somos neutros, sempre temos a intenção de influenciar o outro, tomando o cuidado de não impor, e respeitar os diferentes valores existentes. Sexto: mais do que aulas de educação sexual sistematizadas, este trabalho é feito pelo contato afetivo e pelos exemplos dados. (FREITAS, 2012, p. 51-57).

A autora finaliza sua explanação desafiando os educadores sexuais: “que rastros você: pai, mãe, professor e professora tem deixado pelo seu caminho enquanto educadores/as sexuais que são e que rastros pretendem deixar a partir de agora?” (FREITAS, 2012, p. 60).

Para complementar a visão emancipatória, a seguir apresentaremos a perspectiva transversal da sexualidade, pois a transversalidade só será executável a partir de um olhar emancipado sobre essa temática, e, aí sim, será possível o desenvolvimento de um trabalho no âmbito da educação infantil.

3.3 ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA TRANSVERSAL

As autoras Ana Camargo² e Claudia Ribeiro³, na obra *Sexualidade(s) e Infância(s): a Sexualidade como um Tema Transversal*, trazem a sexualidade, como o título já diz, em uma perspectiva transversal. O texto é baseado em trabalhos e estudos voltados para a Sexualidade Humana, desenvolvidos por um grupo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A sexualidade é um tema de grande importância, sendo, segundo as autoras, complicado dizer como, quando, onde e o quê conversar sobre, visto que trata-se de um assunto árduo, carregado de preconceitos e tabus, geralmente omitidos ou tratados de maneira bastante inadequada na escola e na família. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.14). Falar de sexualidade infantil para muitos é uma tarefa constrangedora e isto se deve à imagem criada a respeito da figura infantil ao longo da história.

² Professora Doutora da Universidade de Uberaba, sendo que uma das temáticas nas quais atua é Sexualidade Humana, Gênero e Educação.

³ Professora associada da Universidade Federal de Lavras, atuando no ensino, na pesquisa e na extensão e produzindo conhecimento nas temáticas de Sexualidade e Gênero.

Antes de entrar no tema da transversalidade, as autoras trazem um breve histórico explicitando que na trajetória da humanidade, a criança tem sido concebida de variadas formas, em diferentes momentos e espaços. Diversas são as infâncias, práticas e discursos organizados a seu respeito, que são sistematizados, no entanto, pelo adulto, fazendo com que a criança tenha suas especificidades e vontades deixadas de lado, ocupando sempre a terceira pessoa nos discursos que dizem respeito a si. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.17). No início do século XX, entretanto, Freud publicou os “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, o que gerou grande polêmica na sociedade, pois o autor expunha a existência da sexualidade infantil como algo normal e não patológico. A partir de seus estudos, algumas áreas do conhecimento se ocuparam da sexualidade na infância como a Pedagogia, a Psicologia, a Psicanálise e a Biologia (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 26-27), o que permitiu, de certa forma, que o olhar sobre a sexualidade infantil sofresse alterações ao longo dos anos.

Já nos primeiros anos de vida, as crianças começam a fazer várias perguntas relacionadas à sexualidade. São perguntas básicas, que se ocultadas podem afetar essa vontade de descobrir. Logo percebem as diferenças entre os sexos e independente da vontade do adulto, começam a compartilhar informações com os colegas. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.57). Como atualmente as crianças de zero a cinco anos passam grande parte do dia nas escolas de educação infantil, acabam buscando neste ambiente as respostas para suas inquietações, e, individualmente ou coletivamente, acabam realizando demonstrações de suas curiosidades relacionadas à sexualidade, indicando a importância de se trabalhar essa temática dentro da escola.

Todavia, a abordagem da Educação Sexual na Educação Infantil é sempre causadora de controvérsias, uma vez que é considerada pela maioria como algo não sadio, que desabrocha a sexualidade antes da hora, enquanto que, para outros, é considerada uma discussão pertinente ao permitir o conhecimento da própria sexualidade. De fato, esta está presente desde o nascimento e sua abordagem é necessária para o desenvolvimento integral da criança, por meio das relações estabelecidas, perguntas realizadas e na percepção do próprio corpo e do corpo dos outros. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.60). Quando se nega a informação desperta-se

mais curiosidade do que quando se explica. Por mais que os adultos acreditem que abordar o tema aguçará precocemente o desejo pelo sexo, não se deve negar as crianças o direito de saber, pois esse conhecimento faz parte do seu pleno desenvolvimento. A participação, o diálogo e a afetividade são importantes para a educação, mas não suficientes para uma formação completa, uma vez que existe uma dimensão que quase sempre é negada: a sexualidade. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.128).

Conforme afirmativa das autoras, a educação sexual se torna indispensável nas instituições de ensino, uma vez que a falta de informações reflete nos dilemas da sociedade, e a mídia tem contribuído para a exposição de uma sexualidade deturpada e fragmentada. É imprescindível a criação de um espaço onde se entenda e discuta a sexualidade humana abertamente, de forma consciente e responsável. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.40). Visando a atender a essas necessidades, o Ministério da Educação, propõe por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que os temas Ética, Meio Ambiente e Orientação Sexual sejam trabalhados na escola de forma transversal, mais especificadamente no Ensino Fundamental. Em seus escritos, as autoras, veem defender essa ideia explicando que

os Temas Transversais referem-se a preocupações emergentes em nossa época e objetivam a formação integral do ser humano, não rejeitando as disciplinas curriculares. Essa forma de trabalho implica, entretanto, uma mudança de postura de educadores e educadoras que buscam compreender a realidade escolar não como algo fragmentado, mas tendo como eixos a *autonomia* da vida diária, a educação da *afetividade*, as formas de *convivência* e *cooperação*, a *ajuda* e os *direitos* e *deveres* mais elementares. O compromisso, portanto, dos Temas Transversais é com a construção da cidadania, o que implica praticar princípios éticos – respeito, solidariedade, responsabilidade, uso construtivo da cidadania, liberdade e autonomia – e princípios políticos – direitos e deveres da vida cidadã. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.47).

Ao trabalhar com temas transversais é necessário contextualizar a sociedade levantando medos, desejos, sonhos, mitos, costumes entre outros aspectos relevantes. Em meio às mudanças sociais, educadores precisam de espaço para compreender essas transformações, e tomar consciência das diversas possibilidades implícitas no processo educacional. O maior desafio para esse trabalho é considerar as singularidades e ter consciência que afetamos e somos afetados devido a cultura de

massa que hierarquiza os valores e produz indivíduos manipuláveis. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.46-51).

Como forma de ilustração das diversas possibilidades de se trabalhar com os temas transversais, as autoras trazem doze relatos de professores de diferentes regiões do Brasil que descrevem os projetos desenvolvidos com as crianças, desde a educação infantil até o ensino fundamental, mostrando que é possível abordar a sexualidade de forma saudável, consciente, livre de preconceitos, destituída da reprodução dos padrões muitas vezes impostos pela sociedade. Segundo as autoras

foram possibilidades encontradas por professoras que tiveram coragem de ousar e nos ajudaram a pensar a prática educativa e as relações cotidianas sem receitas, mas acenando para princípios éticos, políticos e estéticos e para sua estreita relação com a constituição da sexualidade. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 60).

Três dos projetos citados tiveram a participação de crianças de 4 – 5 anos, em que estas desfrutaram da oportunidade de trabalhar questões referentes ao nascimento, ao corpo, aos relacionamentos amorosos (namoro, casamento), sanando a curiosidade das mesmas e perpassando as diversas linguagens trabalhadas no cotidiano da educação infantil.

Mais adiante nos aprofundaremos na temática sexualidade dentro da escola, preferencialmente na educação infantil. No próximo capítulo nos atentaremos para algumas questões emergentes em nossa sociedade, refletidas a partir do conhecimento sobre a sexualidade infantil através das abordagens exploradas, são elas: a Adultização Precoce e o Abuso Sexual Infantil, questões que tem tomando grandes proporções e estão de alguma forma ligadas à sexualidade na infância.

4 QUESTÕES EMERGENTES NA ATUALIDADE

4.1 SEXUALIDADE INFANTIL E ADULTIZAÇÃO PRECOCE

A construção do conceito de criança não ocorreu rapidamente, foram anos para enxergá-la como tal e não apenas como uma extensão do adulto. Contudo, atualmente, estamos retornando a antiga situação e considerando as crianças como pequenos adultos, derivando daí uma grande parcela de culpa diante dessa adultização precoce. Hoje tornou-se comum a indiferença entre crianças e adultos, pois ambos têm vivido praticamente da mesma maneira, com a mesma rotina, mesmos problemas de saúde, mesma alimentação, mesmo vestuário, etc. Antigamente, as crianças não tinham permissão para participar da conversa dos adultos e não possuíam conhecimento do mundo deles, já nos dias de hoje ainda pequenas são inseridas nesta realidade. As crianças são facilmente atacadas pelos perigos da adultização precoce, assumindo cada vez mais cedo responsabilidades e se cobrando por isso, desejando alcançar essa maioridade, muitas vezes, exigida pela sociedade. Os pais ficam admirados com as demonstrações de maturidade expostas pelos filhos, sem meditar acerca das consequências que essa mudança de comportamento pode ocasionar.

As mídias são consideradas como os maiores mecanismos de manipulação infantil. As brincadeiras são substituídas pela televisão, computador e vídeo game, responsáveis pela transmissão de cenas violentas, sexo explícito e informações desnecessárias, sem falar da grande influência das propagandas, seja televisiva, em revistas, jornais ou outdoors. Conforme Levin e Kilbourne (1999, p.7) as crianças são bombardeadas por mensagens impróprias e prejudiciais, que ainda não compreendem, mas que podem confundi-las e amedrontá-las. As músicas infantis não atraem mais as crianças tanto como as destinadas ao público adulto, repletas de palavrões e sensualismo. O vestuário, calçados, acessórios, maquiagem, entre outros, tudo é confeccionado visando refletir o universo adulto, ou seja, comercialmente falando, produtos que eram destinados ao público adulto, hoje tem sido consumidos pelo público infantil.

Diante disso, não se pode negar também a presença do interesse financeiro frente a essa realidade, o que gera, conseqüentemente, a transformação das crianças em consumidores ativos. Barros (et. al., 2013, p.8) afirma que a entrada de crianças neste mercado de consumo se torna cada vez mais visível, o marketing persuasivo atinge a todos.

O marketing busca atender as necessidades dos cidadãos, mas ele mesmo estimula o consumismo frenético, em que apenas o ter traz a completa satisfação. As crianças passam a ser alvo fácil diante dos marqueteiros, uma vez que, acreditam que alcançarão a felicidade ao adquirir tal produto. O fato de elas não possuírem renda e necessitarem influenciar os pais para comprar não impede que alguns fornecedores de produtos infantis vejam-nas como consumidores independentes. (BARROS et. al., 2013, p.8). Levin e Kilbourne (1999, p.32) complementam afirmando que, desde o momento em que se levantam até a hora de dormir, as crianças são assaltadas por imagens com o objetivo de transformá-las em consumidoras, importunando os pais até comprarem o que desejam. Depois de conseguir o produto, a criança volta ao estágio anterior e busca compensar o vazio com a compra de outro produto. (BARROS et. al., 2013, p. 10).

Os autores Levin e Kilbourne (1999, p.3) afirmam que as indústrias ganham montes de dinheiro ao usar o sexo e a violência para vender seus produtos às crianças, que são imensamente afetadas. Barros (et. al., 2013, p.11) diz que o problema não está somente na compra desnecessária de uma coleção nova, mas em roupas que exploram a sexualidade infantil e que muitos pais compram. Eles transformam as crianças em objetos lindos e sexys e demonstram o quanto tornou-se normal a entrada da sexualização em nossa sociedade. (LEVIN; KILBOURNE, 1999, p.45). Antecipar esses padrões de consumo do mundo adulto segundo Barros (et. al., 2013, p.8) pode resultar em grandes problemas, pois o mercado dirigido às crianças é tão influente que pode causar comportamentos excessivos de consumo, além da erotização precoce, obesidade e estresse. Essa prática explora a ingenuidade infantil, pois as mensagens não induzem apenas ao consumo exagerado, mas causam outros problemas, a adultização precoce é um deles, pois as crianças são vistas e se vem como adultos muito antes do período adequado, sendo expostas a mensagens sexuais que não

compreendem, mas que podem modificar suas ideias e seu comportamento. (LEVIN; KILBOURNE, 1999, p.69).

O ambiente familiar teria a responsabilidade de proteger as crianças contra essa massificação, no entanto, os pais estão despreparados para enfrentar essa nova realidade, delegando as decisões às crianças, que dizem o que deve ser feito. Para Levin e Kilbourne (1999, p.13) jogar a culpa nos pais apenas retira o foco do principal culpado, a mídia, que veicula mensagens explorando a vulnerabilidade das crianças e utilizando os piores artifícios para obter lucro.

Os pais precisam estar atentos a essas situações, buscando proporcionar às crianças momentos para serem crianças, por meio do convívio e interação com seus pares, por meio do resgate de brincadeiras infantis, com vistas a estimular a criatividade, o lúdico, delegando responsabilidades compatíveis para a sua idade, incentivando-as a viver esta fase tão maravilhosa que é a infância.

4.2 SEXUALIDADE INFANTIL E ABUSO SEXUAL

Nos dias atuais são diversas as formas de violência estampadas nos jornais diariamente, todavia, os altos índices de violência contra crianças e jovens tem alarmado a sociedade. Para Araújo (2002, p.4) são diversas as causas apontadas como fatores que aumentam a violência, como a grande desigualdade econômica, social e cultural, o uso de drogas, o desemprego, entre outros. Apesar de contribuírem para o aumento da violência, só estes fatores não explicam a causa do fenômeno, e a autora diz que o que mais assusta é o fato da violência estar banalizada, sendo vista como algo normal, restando aos que são afetados aprender a conviver com ela. Esta violência prejudica principalmente as relações familiares nos lares onde se criam e reproduzem modelos de comportamentos violentos no ambiente social e familiar. (ARAÚJO, 2002, p.4).

Diariamente vemos na mídia notícias de abuso sexual infantil onde o abusador normalmente responde legalmente pelo seu ato, mas isso ocorre apenas quando se descobre quem é o responsável. Na maioria dos casos a “lei do silêncio” impera, o

abusador fica impune e a criança continua sofrendo abuso sexual, definido por Habigzang como:

[...] qualquer contato ou interação entre uma criança ou adolescente e alguém em estágio psicosexual mais avançado do desenvolvimento, na qual a criança ou adolescente estiver sendo usado para a estimulação sexual do perpetrador. (HABIGZANG et. al, 2005, p.341).

Na visão de Silva (2007, p. 99) o abuso sexual envolve questões culturais e relacionamentos, dificultando a denúncia e perpetuando o "muro do silêncio". Para Araújo (2002, p. 5) o abuso sexual infantil é um tipo de violência que envolve coação, sedução e poder, normalmente ocorre sem o uso da força física e, por isso, é difícil de ser comprovado em crianças, pois não deixa marcas visíveis. Araújo (2002, p. 5-6) afirma ainda que o abuso sexual pode ser com contato sexual (havendo penetração ou não) e sem contato sexual (como o voyeurismo ⁴e o exibicionismo⁵).

Para Araújo (2007, p. 5), a violência pode ser considerada intrafamiliar ou doméstica. A primeira ocorre no espaço familiar, envolvendo parentes que moram juntos ou não. A segunda envolve todas as pessoas que convivem no mesmo espaço doméstico, sendo parentes ou não. Já para Habigzang (et. al., 2005, p.341), fora da família pode ocorrer em situações que envolvam a pornografia e a exploração sexual, porém, a maior incidência está em abusos sexuais dentro de casa, cometidos por alguém próximo, que muitas vezes desempenha papel de cuidador. Habigzang denomina esse tipo de abuso como intrafamiliar ou incestuoso. O parentesco entre o abusador e a criança envolve intensos laços afetivos, dessa forma o abuso incestuoso causa maior impacto nas crianças e sua família. Na maioria dos casos quem sofre abuso sexual também é vítima de negligência, abuso físico e emocional. (HABIGZANG et. al, 2005, p.342).

O adulto se aproveita da ingenuidade e vulnerabilidade da criança e acaba traindo sua confiança para satisfazer seus desejos, conquista o silêncio por meio de promessas ou ameaças, beneficiando-se com a cegueira de outros membros da família. É uma situação conflituosa na qual a criança vítima de abuso sexual se encontra, os

⁴ Consiste na obtenção de prazer sexual através da observação de pessoas.

⁵ Consiste na obtenção de prazer sexual através da exibição do corpo nu e/ou das partes sexuais.

sentimentos se misturam como raiva, medo, culpa, prazer e desamparo. Muitas vezes a criança sente raiva da mãe por não protegê-la, mas tem medo de contar por imaginar que a mãe e os outros membros da família não acreditarão nela. (ARAÚJO, 2002, p.7).

As ameaças e agressões físicas sofridas durante o abuso podem afetar o desenvolvimento de crianças e adolescentes, desencadeando problemas emocionais, sociais e psiquiátricos. Habigzang (et. al, 2005, p.342) afirma que crianças abusadas podem desenvolver transtornos alimentares, de ansiedade, hiperatividade, depressão, déficit de atenção, no entanto, o mais citado é o estresse pós-traumático. Quando a criança relata o abuso e seus familiares (principalmente a mãe) acreditam na revelação, o comportamento da vítima se altera, esta se sente fortalecida e apresenta maiores recursos para enfrentar a experiência abusiva. (HABIGZANG et. al, 2005, p.346). No entanto, quando a família não acredita nas acusações e não oferece apoio afetivo, a vítima acaba ficando vulnerável e desenvolve problemas como isolamento social, tentativa de suicídio, depressão, entre outros. Nestes casos é necessário o acompanhamento psicológico para ela compreender o que está vivendo, o que é o abuso, suas consequências e como evitar situações de violência. (HABIGZANG et. al, 2005, p.347).

O abuso sexual infantil envolve questões legais que visam à proteção da criança e a punição do agressor, além de acompanhamento psicológico para a vítima, tendo em vista as consequências causadas pela situação do abuso, “tais consequências estão diretamente relacionadas a fatores como: idade da criança e duração do abuso; condições em que ocorre, envolvendo violência ou ameaças; grau de figuras parentais protetoras” (ARAÚJO, 2002, p.6).

Denunciar é um passo muito difícil para a família, pois deixa visível a violência que ocorre dentro da própria casa. Para Araújo (2002, p.6), a situação do abuso sexual é algo complexo no qual todos os envolvidos têm dificuldades para enfrentar. A denúncia e sua confirmação são difíceis em uma sociedade onde a lei moral e social são deixadas de lado para dar espaço à lei do segredo familiar. Com medo de ser desacreditada, a criança reluta em denunciar o agressor, pois pode ser punida, afastada e acusada de destruir a harmonia familiar. (ARAÚJO, 2002, p.8). Segundo Araújo (2002, p. 8) a denúncia pode ser protelada por gerações, onde todos sabem,

mas ninguém fala do assunto, o silêncio é visto como um pacto inconsciente com o abusador ou a estabilidade da harmonia familiar. A autora relata que mulheres vítimas de abuso sexual na infância tendem a se relacionar com abusadores e não possuem capacidade para proteger as próprias filhas do abuso sexual. Na vida dos homens abusadores também se observa que foram vítimas de abuso sexual quando crianças. (ARAÚJO, 2002. P.8).

Quando há a denúncia do abuso ocorre uma reorganização familiar, pois a proteção da criança ou adolescente se faz através do afastamento do agressor. De acordo com o artigo 130 do Estatuto da Criança (ECA) “verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsáveis, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum” (BRASIL, 1990) ou da vítima. Este último ocorre quando os familiares não conseguem mudar sua rotina para protegê-la e sua guarda legal é cedida para algum familiar não abusivo. (HABIGZANG et. al, 2005, p.346). Denunciar é o passo inicial para o trabalho com a família, no entanto, “[...] muitas vezes prevalece à dúvida, a denúncia não se confirma, a queixa é retirada e o agressor é apenas advertido” (ARAÚJO, 2002, p.9). Porém, quando se leva adiante a denúncia e é exigida a punição do abusador investindo na mudança das relações estabelecidas, encontram-se impedimentos em que o fator econômico tem um grande peso, principalmente quando o provedor da família é o agressor. Araújo (2002, p. 10) relata que a retirada da denúncia normalmente é feita após a ameaça do agressor em largar a família ou o emprego, resultando em danos financeiros para a família, que depende desta renda para sobreviver. Dessa forma, quando a família é sustentada pelo agressor, normalmente a denúncia é retirada e a vítima afastada do lar, pois o agressor permanece dentro da residência.

Como a maior parte dos casos ocorre dentro de casa e permanece em silêncio, a escola parece ser o lugar ideal para a detecção e intervenção, pois na visão de Silva (2007, p. 101), a prevenção é a melhor forma de evitar a violência sexual. Esta, na maioria dos casos, é difícil de ser identificada por não apresentar marcas físicas, sendo, portanto, de extrema importância à capacitação dos profissionais envolvidos com as crianças, facilitando a identificação de possíveis vítimas. Brino e Williams (2003, p. 115)

afirmam que o objetivo da escola é garantir a qualidade e promover a cidadania, tornando necessário capacitar os professores para enfrentar essa árdua questão do abuso sexual infantil. A escola é o espaço onde se pode conversar, informar, refletir e questionar a sexualidade, lembrando que uma das formas de proteger as crianças da violência é informando-as.

No capítulo seguinte será exposta a fundamentação educacional segundo os PCN's que expõe a importância do aluno receber informações sobre tais assuntos.

5 SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

5.1 A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A sexualidade é um tema que gera polêmicas desde a antiguidade, e está associada a coisas impróprias e pecaminosas. Apesar da contribuição da globalização e da mídia em relação à mudança de comportamentos, atitudes e valores, ainda existe uma grande dificuldade por parte da família e da escola em aceitar a sexualidade infantil.

A escola é o lugar onde as crianças iniciam a socialização, é o ambiente no qual interagem com o mundo e com as pessoas que estão a sua volta. O ambiente familiar é o primeiro espaço de educação e a escola complementa essa educação de uma forma mais aprofundada, abordando temas complexos que não são ensinados na família. Segundo o Referencial Curricular Nacional (RCN), ao ingressar na instituição de ensino os alunos da educação infantil podem ampliar seu conhecimento através da convivência com crianças e adultos, que possuem hábitos e atitudes diferentes, e também das brincadeiras, adquirindo conhecimentos sobre distintas realidades. (BRASIL, 1998, p.13).

Dessa maneira, a escola é responsável pela formação emocional e afetiva de seus alunos além da intelectual. O cotidiano escolar a todo momento se vê confrontado pela exigência de saber como conduzir a sexualidade, não só pela reação dos alunos, mas principalmente pela sua fala. O linguajar da criança e do adolescente é influenciado pela mídia, a todo instante eles usam termos cujo significado desconhecem, mas repetem porque ouvem falar nos grupos nos quais se relacionam, ou mesmo na rua. A marca cultural está presente no desenvolvimento da sexualidade infantil. (BRASIL, 1998, p.17).

5.2 FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS SEGUNDO OS PCN'S

Preocupado com a abordagem da sexualidade e outros temas que não são contemplados pelo currículo, o Governo Federal criou nos anos 90 a coletânea Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) com dois volumes dedicados a apresentar e explicar os temas transversais que abordam temas de várias disciplinas. Em relação à sexualidade encontramos referências no volume oito (8) que traz a apresentação dos Temas Transversais e Ética e no volume dez (10) que aborda a Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual. A criação desse material se deu na busca de preencher um vazio na formação dos profissionais da educação básica, fornecendo subsídios para que as discussões possam ser planejadas pelos professores e não abordadas apenas quando as crianças e adolescentes tocam no assunto. Orientar para a sexualidade deve ser parte do processo de intervenção pedagógica, com o objetivo de problematizar questões e repassar informações a respeito da sexualidade. (BRASIL, 1997a, p. 28).

Os PCN's propõem a oferta da orientação sexual na educação infantil e ensino fundamental como um tema transversal a ser abordado de forma integrada com outras áreas, por diversos professores, e não apenas como conteúdo de uma única disciplina, mas o que vemos por parte dos educadores e instituições é a negação desse direito principalmente na educação infantil.

Para o completo desenvolvimento da criança, a construção da identidade e da autonomia, é necessária a interação sócio cultural, bem como, experiências importantes na construção de vínculos e, principalmente, na expressão da sexualidade.

Os cuidados a serem tomados com a criança são fundamentais para um bom trabalho educativo, pois no período de zero a seis anos esses cuidados são prioritários na educação, envolvendo a interação afetiva e tornando-se uma experiência fundamental para a formação do indivíduo. Essas pessoas não estão somente cuidando das crianças, mas mediando sua interação com o mundo, pois criam condições para elas se inserirem naquele grupo ou cultura, repassando condutas, valores, hábitos e estabelecendo vínculos.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. O RCN traz a sexualidade “[...] como algo inerente, que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida” (BRASIL, 1998, p.17).

O medo dos adultos em despertar precocemente a sexualidade das crianças ao tocar no tema é totalmente desnecessário, pois “a relação das crianças com o prazer se manifesta de forma diferente do adulto. Em momentos diferentes de sua vida, elas podem se concentrar em determinadas partes do corpo mais do que em outras” (BRASIL, 1998, p.17).

É normal que nas brincadeiras infantis apareçam situações relacionadas à sexualidade. É algo que tende a acontecer espontaneamente. Além disso, a todo instante estão recebendo mensagens sexuais pela mídia. Portanto, cabe ao educador ficar atento a estas brincadeiras e detectar quando estas diferenciarem-se do habitual, atentando-se para possíveis vítimas de abuso sexual. Afinal, as crianças normalmente não contam o que está acontecendo, até mesmo por não compreenderem a gravidade da situação. Porém, suas atitudes revelam mais do que as próprias palavras.

A dedicação à área da sexualidade humana cresceu por volta dos anos 80 nas escolas devido à preocupação por parte dos educadores com o aumento do número de casos de adolescentes grávidas e com risco de contaminação pelo vírus da AIDS (HIV). Acreditava-se que os pais não aceitariam essa abordagem, mas, pelo contrário, reivindicam a orientação sexual na escola por saberem de sua importância para os filhos e por terem dificuldade em abordar tal tema em casa.

O problema encontrado pelos pais ainda hoje é a abordagem da sexualidade na infância por não saberem ao certo o que dizer e como dizer, renunciando a responsabilidade para a escola. Por outro lado, a escola, muitas vezes, possui educadores despreparados para tal tarefa e deixam passar despercebidas as situações esperando que a família tome alguma providência. Segundo os PCN's as manifestações da sexualidade irão aparecer em todas as faixas etárias, de diferentes formas, mas o comportamento habitual do professor é ignorar, ocultar ou reprimir tais

atitudes, fundamentado na ideia de que é exclusividade da família tratar dessa temática. (BRASIL, 1997b, p.77).

A escola ao abrir espaço para esclarecer as dúvidas das crianças permite que estas formulem novas questões e diminuam sua ansiedade, que muitas vezes atrapalha em outras áreas. A escola desempenha um papel importante na educação sexual ligada à vida, mas precisa reconhecer esse papel e buscar desenvolver o prazer através do conhecimento, este espaço é o mais frequentado por crianças e adolescentes permitindo a troca de experiências, convívio social, novos relacionamentos e dessa forma não pode fugir frente à relevância dessas questões, pois “[...] as informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas” (BRASIL, 1997b, p.79).

Falar sobre a sexualidade nos dias de hoje ainda é explorar um terreno recheado de tabus e preconceitos. Saber da necessidade de abordar o tema muitos sabem, mas a conversa é sempre adiada e a orientação não é realizada. Na escola a educação sexual “[...] diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros” (BRASIL, 1997a, p.28).

Admitir a criança como um ser sexuado ainda é algo difícil para alguns, pois vemos discursos marcados pela repressão, preconceito e autoritarismo onde o desenvolvimento social da criança é deixado em segundo plano. A abordagem da educação sexual não é feita nas instituições porque muitos educadores sentem-se constrangidos e inseguros em relação ao tema, surgindo algumas dúvidas de como, o que e quando falar. Essas questões atrapalham um bom trabalho de educação sexual. O fato da sexualidade se construir ao longo da vida do indivíduo, implica na influência histórica, cultural, científica, além da afetividade e sentimentos pertencentes a singularidades de cada um. Cabe à escola trabalhar sobre as diferentes possibilidades, valores, costumes e crenças presentes na sociedade, permitindo ao aluno encontrar a sua referência através da reflexão, assim o trabalho de orientação sexual realizado pela escola complementa o que é dado pela família, constituindo-se em um processo formal, planejado e sistematizado para a intervenção. (BRASIL, 1997b, p.83).

Mas este trabalho deve ser abordado dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir o espaço e questionar comportamentos, sempre com o objetivo de auxiliar a criança em suas descobertas e não impor o que deve ou não ser feito assim abordando diferentes visões presentes na sociedade e buscando imparcialidade pessoal frente a esta tarefa. (BRASIL, 1997b, p.83).

A presença dos pais nos trabalhos de orientação sexual é fundamental, pois tendo conhecimento do que está sendo feito não podem julgar a escola como responsável pela educação sexual de seus filhos e abrir mão de sua própria responsabilidade. Para muitos pais conversar com os filhos sobre sexo é algo constrangedor, esta visão está relacionada à educação que receberam, a repressão vivida ou por não saberem mesmo o que falar sobre o tema. Segundo os PCN's quanto mais tranquila for a experiência do adulto a respeito da sua sexualidade, mais natural será a sua atitude sobre as manifestações sexuais infantis. (BRASIL, 1998, p.18).

Em casa os pais fazem a educação sexual ao transmitir valores e comportamento aos filhos desde bebês. Seja através dos cuidados de higiene, trocas de roupa, banhos, ações que deem ao bebê referência sobre o seu corpo, sentimentos e sexualidade. (BRASIL, 1998, p.16).

Já na escola o que ocorre é a orientação sexual onde se realizam propostas planejadas pelos educadores com o objetivo de intervir no tema por meio de discussões e reflexões acerca do assunto. O trabalho da escola por meio da orientação sexual é preencher a lacuna de informações deixada pelas mensagens que recebem da mídia, família e sociedade. As crianças possuem as informações, mas cabe à escola passar informações atualizadas com base científica e explicar os diferentes valores e comportamentos sexuais existentes em nossa sociedade, permitindo as crianças desenvolver atitudes coerentes com os valores que trazem de suas vivências familiares.

É de grande importância que o professor interessado em abordar a temática busque informações primeiramente para em seguida preparar a intervenção prática mantendo uma postura profissional e consciente sobre o tema. Os PCN's enfatizam que os professores deverão ter contato com a temática buscando leituras e discussões referentes à sexualidade e as diferentes abordagens, preparar-se para a intervenção junto aos alunos em um espaço grupal e de supervisão. (BRASIL, 1997b, p.84).

Mas o professor precisa ter discernimento e evitar impor seus valores, crenças e opiniões como o único caminho a ser seguido. Para este trabalho ser eficaz é necessário se estabelecer uma relação de confiança entre o aluno e o professor, dessa forma o professor deve estar disposto a conversar sobre o assunto sem julgar as colocações dos alunos e responder de forma esclarecedora e direta. (BRASIL, 1997b, p.84).

O trabalho de orientação sexual visa refletir sobre comportamentos, preconceitos e atuar na área afetivo-emocional. A abordagem dentro da escola permite a reflexão sobre a cidadania e uma sociedade livre de falsos moralismos. O trabalho “[...] tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde” (BRASIL, 1997a, p.28).

A mídia tem grande influência sobre crianças e adolescentes vinculando a sexualidade a todo o momento e despertando nas crianças curiosidades e vontades precocemente. Cabe aos profissionais da educação preocupados com a temática, buscar sanar as dúvidas de seus alunos de maneira clara e sem tentar fugir de perguntas colocadas por eles, buscando esclarecê-los e orientá-los.

Por mais que a escola busque ser informativa e trabalhe com a orientação sexual de forma adequada, o trabalho individual e atencioso que a criança necessita para responder a algumas questões pode ser desenvolvido no ambiente familiar, se neste houver diálogo entre pais e filhos. É obvio que a atuação conjunta da escola e da família causa melhores resultados, pois essa parceria complementa as informações recebidas pelas crianças, à família educa os filhos e transmite noções de comportamento e sexualidade. A escola permite a reflexão sobre esses valores e concepções informando de forma clara as crianças e adolescentes. O diálogo entre a escola e a família é necessário, pois as atividades desenvolvidas na escola corroboram com a educação dada pela família, assim deve-se informar a família sobre os conteúdos ministrados e explicar os princípios da proposta.

É importante uma abordagem que não se restrinja aos aspectos biológicos quando se fala em sexualidade da criança e do adolescente, mas que também aborde aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos da sexualidade. A atitude do professor, sua forma de se expressar e a atenção dada aos alunos ao responder

suas inquietações é que farão toda a diferença no trabalho de orientação sexual, devendo ocorrer de duas formas: dentro do que for planejado através dos conteúdos transversalizados e fora do programa quando surgirem perguntas relacionadas à temática. (BRASIL,1997b, p.88).

Com base nos PCN's e RCN, bem como, através da teoria estudada, citada anteriormente, analisaremos as respostas obtidas por meio da pesquisa de campo realizada.

6 PESQUISA DE CAMPO

6.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em duas instituições localizadas na cidade de Curitiba-PR, mais especificamente na região norte. Escolhemos uma instituição privada de ensino que oferta desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio até o Ensino Superior e uma instituição de ensino público que oferta somente Educação Infantil (CMEI). O objetivo principal do estudo é sondar a abordagem da sexualidade desempenhada pelos professores na Educação Infantil, particularmente na faixa etária de três a cinco anos. Para alcançar este objetivo, foi elaborado um roteiro de entrevista semi estruturado (Apêndice 1) dividido em seis blocos: 1. Pessoal; 2. Profissional; 3. Visão da Sexualidade; 4. Sexualidade na Educação Infantil; 5. Demonstrações da Sexualidade pelas crianças e 6. Adultização Precoce e Abuso Sexual Infantil. Em cada uma das instituições foram entrevistadas três professoras, sendo que a entrevista teve duração de aproximadamente uma hora.

Para sua realização, foi esclarecida aos participantes a temática a ser discutida, bem como explanada nossa preocupação com o respeito ao sigilo ético de não identificação pessoal e institucional, deixando claro que a participação é opcional, podendo ser interrompida a qualquer momento, se este fosse o caso. As participantes assinaram o Termo de Consentimento (Apêndice 3) e a Carta de Apresentação (Apêndice 2) foi entregue ao devido responsável.

Salientamos a dificuldade na execução do estudo, principalmente na escola da rede pública, onde foi necessário contatar a Secretaria Municipal de Educação. A primeira aproximação ocorreu em junho de 2014 para ciência dos procedimentos de solicitação e aplicação da pesquisa de campo, nesse contato nos foi requerida uma cópia do Projeto de Pesquisa, uma cópia da Carta de Apresentação à instituição, uma cópia do Termo de Consentimento dos entrevistados e uma cópia do Roteiro de Entrevista, os quais seriam analisados pelo responsável pela Educação Infantil. Após o envio de tais documentos no início de agosto, o órgão responsável demorou mais de

dois meses para autorizar a solicitação, sendo que, durante esse período foi necessário o envio de vários e-mails e ligações telefônicas para obtenção de uma resposta. Em razão disso, tomamos a iniciativa de procurar uma instituição pública (já conhecida, devido a estágios anteriores) e executar as entrevistas. Quando, finalmente, a permissão da secretaria ficou pronta, já estávamos com o prazo quase esgotado para a realização da pesquisa. Nosso intuito não é julgar a Secretaria Municipal de Educação pela demora, apenas enfatizar que a parceria entre o órgão e os estudantes da área é imprescindível, e que a burocracia, a falta de compromisso, cooperação e responsabilidade, pode afetar o desempenho de variados projetos de pesquisa que são importantíssimos para a melhora da compreensão e da condução da educação atual.

Já na rede particular foi conversado diretamente com a coordenadora da Educação Infantil, que prontamente autorizou o processo, ressaltando apenas que o tempo para a realização da entrevista seria curto, tendo que ser exercida com as três professoras simultaneamente, uma vez que estas não possuem hora atividade / permanência. Dessa forma, a pesquisa que seria desenvolvida por meio de entrevistas individuais, precisou ser reestruturada passando a ser uma conversa entre os entrevistados. Além disso, destacamos que na instituição privada, a entrevista foi realizada na sala da Coordenação Pedagógica de Educação Infantil, sendo mais reservada, no entanto, contando com a presença da pedagoga que muitas vezes interveio nas questões. Foi também necessário que uma das professoras se ausentasse na metade da pesquisa para assumir sua turma que já havia terminado a atividade que estava realizando. Na rede pública, a entrevista aconteceu na sala dos professores, durante a permanência das entrevistadas. Outro fato que nos incomodou foi que, enquanto realizávamos a pesquisa, duas das professoras desenvolviam outras atividades, sendo que em alguns momentos uma delas voltou-se mais para as tarefas paralelas do que para a nossa conversa, sendo preciso chamar a sua atenção para a obtenção de uma resposta. Ainda assim, consideramos as entrevistas muito produtivas, com ricas informações e contribuições significativas para nossas análises, as quais serão compartilhadas a seguir.

6.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Blocos 1 e 2 - Pessoal e Profissional:

Perfil professora 1 - Instituição Privada

Idade: 35

Sexo: () M (x) F

Estado Civil: Casada

Possui 3 filhos: 9 anos, 3 anos e 2 anos

Formação: Magistério – 1998 / Pedagogia - 2005

Formação Continuada: Curso adicional de Educação Infantil - 1999

Tempo de atuação na área da Educação: 17 anos

Perfil das instituições em que trabalhou: Outras escolas privadas e Prefeitura Municipal de Paranaguá

Nesta instituição de ensino atua no nível III (crianças de 3 anos)

Perfil Professora 2 - Instituição Privada

Idade: 42

Sexo: () M (x) F

Estado Civil: Casada

Possui 2 filhos: 19 anos e 14 anos

Formação: Magistério / Pedagogia - 2001

Formação Continuada: Curso adicional de Educação Infantil

Tempo de atuação na área da Educação: 22 anos

Perfil das instituições em que trabalhou: Outras escolas privadas

Nesta instituição de ensino atua no nível V (crianças de 5 anos)

Perfil professora 3 - Instituição Privada

Idade: 22

Sexo: () M (x) F

Estado Civil: Solteira

Possui 1 filho: 8 anos

Formação: Pedagogia - 2013

Formação Continuada: Não

Tempo de atuação na área da Educação: 4 Anos

Perfil das instituições em que trabalhou: Outra escola privada

Nesta instituição de ensino atua no nível IV (crianças de 4 anos)

Perfil professora 4 - Instituição Pública

Idade: 36

Sexo: () M (x) F

Estado Civil: Solteira

Possui Filhos: Não

Formação: Magistério/Graduação em Educação Física.

Formação Continuada: Pós em Neuropsicologia.

Tempo de atuação na área da Educação: 20 anos.

Perfil das instituições em que trabalhou: Particular e Pública

Nesta instituição de ensino atua no Maternal III (crianças de 3 a 4 anos)

Perfil professora 5 - Instituição Pública

Idade: 44

Sexo: () M (x) F

Estado Civil: Viúva

Possui 4 filhos: 22 anos, 18 anos, 12 anos e 4 anos

Formação: Magistério e Pedagogia

Formação Continuada: Não

Tempo de atuação na área da Educação: 8 anos

Perfil das instituições em que trabalhou: Pública

Nesta instituição de ensino atua no Maternal III (crianças de 3 a 4 anos)

Perfil professora 6 - Instituição Pública

Idade: 44

Sexo: () M (x) F

Estado Civil: Divorciada

Possui 2 filhos: 23 anos e 17 anos

Formação: Pedagogia

Formação Continuada: Pós em Psicopedagogia e Pós em Matemática.

Tempo de atuação na área da Educação: 15 anos

Perfil das instituições em que trabalhou: Particular e Pública

Nesta instituição de ensino atua no Maternal III (crianças de 3 a 4 anos)

Ao questionar sobre o campo profissional, a pergunta sobre a capacitação na área da sexualidade era a que mais fomentava nossa curiosidade, pois, como visto na revisão de literatura, essa temática deve ser trabalhada pelos educadores da forma mais livre de preconceitos possível, o que não é uma tarefa fácil, já que cada indivíduo nasceu em uma época diferente, recebendo uma educação diferente, internalizando valores e concepções possivelmente diferentes. Portanto, acreditamos ser de fundamental importância que os professores recebam capacitação adequada, para que, primeiro: conheçam mais sobre o assunto; segundo: procurem rever seus conceitos relacionados à sexualidade infantil (criança assexuada, inocência da criança, entre outros mitos tão presentes), evitando passar para as crianças opiniões pessoais e ideias inapropriadas; e terceiro: assumam que também é dever da escola, juntamente com a família, a realização pertinente de orientação sexual, de forma a não se omitir dessa responsabilidade, organizando-se de modo a realizar um trabalho consciente, com respaldo teórico, a fim de sanar as curiosidades e dúvidas das crianças referentes à fase do desenvolvimento que estão vivenciando.

Perguntamos às professoras se a instituição de ensino em que atuam oferece cursos de capacitação. Em ambas as instituições (pública e privada) as respostas foram unânimes, dizendo que sim, elas oferecem curso de capacitação. Ao indagar se dentre esses cursos já foi abordada a temática da sexualidade todas afirmaram que não, nunca viram na “lista”, e não lembram de, em toda a trajetória escolar, terem feito algum curso nesta temática. Apenas a professora 2 lembrou de ter participado de uma capacitação voltada para a sexualidade de alunos com Síndrome de Down, por ter em

sua sala uma aluna nessa condição, e por não saber como agir frente as suas manifestações.

Tive até com a palestrante sim, ela abordou as coisas que são normais, a curiosidade que eles têm, como você deve fazer quando vê alguma criança se conhecendo, né! Então isso, tive um aluno com síndrome de down, nós trabalhamos bastante, ela me explicou como é a sexualidade, que é muito mais aguçada, né! [...] Então alguma coisa eu tive né, mas não fiz nenhum curso específico.

As professoras da instituição particular foram ainda perguntadas sobre, se pudessem escolher, optariam pela realização de cursos nessa área e se há interesse pelo assunto. Duas responderam positivamente, com exceção da professora 1, que comentou nunca ter parado para pensar sobre isso pelo fato de, segundo ela, não lidar bem com a situação de trabalhar esse tipo de conteúdo com seus alunos.

Porque eu fico em dúvida até que ponto o pai vai entender a forma como eu estou passando, sabe? Então em algumas situações cotidianas eu tento isolar o fato, sabe? Não falar sobre aquele assunto para que não haja mais questionamentos do aluno e eu não tenha que responder alguma coisa que eu não sei se o pai vai gostar. Eu acabo não falando sobre isso.

A falta de capacitação pode contribuir para que o tema não seja trabalhado, ou trabalhado de forma insegura, gerando desconforto nos professores, dificuldades em orientar, colaborando para a ineficácia da educação sexual. A pergunta que fica é: Porque não são ofertados cursos de capacitação voltados para a sexualidade infantil? Principalmente quando falamos da instituição pública, visto que a Prefeitura Municipal oferece aos servidores inúmeras capacitações? Porque essa temática ainda é tratada superficialmente, quando podemos visualizar claramente a necessidade de um trabalho eficiente dentro da escola?

Bloco 3 - Sexualidade

Indagamos qual a visão de cada professora sobre a sexualidade de modo geral e como veem a sexualidade infantil. A professora 2 afirma ver a sexualidade como algo “normal”, que vai além do ato sexual: "Para mim vejo como algo normal [...] Acho que a sexualidade é muito mais ampla que o ato sexual, não é só o ato, mas uma questão

cultural”. A professora 1 apresenta uma resposta aparentemente contraditória, pois, ao mesmo tempo que considera algo normal, afirma ser algo que ainda não sabe como lidar. As professoras da instituição pública demonstraram dúvida sobre qual seria sua visão de sexualidade. A professora 4 disse que acreditava ser "o homem e a mulher, né, o que eles sentem, o que eles desejam, acho que nesse sentido assim, né, das diferenças entre homens e mulheres, acho que é isso". A professora 5 não soube responder: “acho que seria...não sei, não tenho ideia” e a professora 6 se perdeu tentando encontrar alguma resposta: “eu acho que realmente seria, eu acho que duas pessoas, acho que nós vivemos uma vida sexual, né, ai não sei! Me perdi... falar a verdade... me perdi!”.

Frente a essas respostas podemos ver o quanto é difícil trabalhar com essa temática. As entrevistadas apresentaram dificuldades em definir ou apresentar um conceito sobre sexualidade, o que nos faz levantar algumas hipóteses: será que nunca pararam para pensar a respeito?, será que possuem dificuldade em lidar com a própria sexualidade (talvez pela forma como foram ensinadas desde o nascimento)?, ou será que isso se deve a uma ineficácia na formação (tanto inicial quanto continuada)?.

Segundo as autoras Camargo e Ribeiro

A sexualidade humana, mais do que o ato sexual e a reprodução, abrange as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implica aprendizados, reflexões planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade. (1999, p. 50).

As respostas apresentadas não coincidem com a visão das autoras citadas acima. Acreditamos ser muito complicado trabalhar com as crianças algo que para si está obscuro, sendo de fundamental importância que primeiramente as questões sexuais estejam bem esclarecidas aos educadores, para, a partir de então, poder ser aplicada na educação infantil.

Com relação ao entendimento de sexualidade infantil, a professora 2 diz tratar com muita naturalidade, não chamando muito a atenção para o que as crianças estão fazendo, acredita ser uma fase de descobertas, mas tenta tirar o foco quando estão se tocando: "Eu trato isso com a maior naturalidade, essa parte da sexualidade com as

crianças, eu acho que cada idade as crianças passam por uma fase da sexualidade mesmo", além disso, volta a citar como uma questão cultural. Já a professora 1 diz sentir mais resistência em falar sobre o assunto, pois fica constrangida em tentar abordar: "Na verdade eu não gosto de falar sobre isso com meus alunos, assim tenho uma certa resistência em falar. Como a professora 2 falou que é 'supernatural' para ela, eu nunca sei como abordar isso, eu fico muito constrangida", ela afirma ainda que não sabe como lidar com isso na sala de aula porque não aprendeu sobre a sexualidade em casa, "[...] eu aprendi pelo que as pessoas me falavam, aprendi pelo que eu via na revista, na tv, não aprendi na minha casa, então isso eu não sei uma forma mais técnica de falar, eu não sei de repente como lidar". As professoras da escola pública assentiram ser uma fase de curiosidades e descobertas, em que as crianças percebem que os meninos e as meninas são diferentes. A professora 6 complementou dizendo que a sexualidade está muito aflorada na educação infantil e a mídia tem um papel crucial. Ressalta ainda que as crianças estão "perdendo a inocência", dizendo:

[...] e eles tão muito avançados, eu acho que eu na minha época, eu não tinha essa...era mais inocente a coisa, as crianças tão perdendo essa inocência. Eu, Deus me livre se falasse em sexo na minha idade se apanhava, era um palavrão, hoje em dia é normal, não to dizendo que não seja, tem que se falar, conversar, né, mas tá muito explícito as coisas, eu acho que tá demais até pra idade deles.

Da mesma forma, as docentes apresentaram dificuldades em formular um conceito sobre a sexualidade infantil.

Bloco 4 - Sexualidade e Educação

A próxima questão consiste em se as professoras desenvolvem trabalhos de educação sexual, eventualmente ou através de aulas previamente preparadas. Todas as professoras responderam que não possuem planejamento para essa temática, trabalhando eventualmente somente quando acontece algum fato em especial. A professora 4 comenta:

Ah, aconteceu lá, as crianças querendo se beijar na boca, ou querer né, deitar uma do lado da outra e você perceber que eles tão representando alguma coisa

que eles viram, é, então a gente senta e vai falar que tem coisas que só o adulto pode fazer né, que é o adulto que faz e não a criança, que criança tem que brincar, que tem...tira um pouco o foco daquilo, nesse sentido que a gente trabalha. [...] Até porque também, se a gente faz muito, eu acho que se a gente faz muito alarme né, ou fala que não pode de uma maneira muito explícita, isso vai incentivar que eles queiram saber porque que eles não podem fazer, enfim, né, então a gente tenta conversar e dizer que eles tem que brincar de uma outra maneira.

A professora 5 diz conversar por meio de roda de conversas, mas somente quando ocorre alguma situação relacionada à temática: "[...] não assim indo muito aprofundado, mas a gente procura fazer roda de conversa, conversar com eles, explicar que o papai e a mamãe é que fazem, que eles [as crianças] podem fazer mas é carinho, é beijo no rosto, nesse sentido assim [...]". A professora 6 compartilha da mesma opinião: "quando isso acontece você chama a criança e conversa, né, 'olha, isso aí não pode, amigo você pode abraçar, dar um beijo no rosto, na boca não pode, isso é coisa de pessoas maiores, quando você for adulta...que isso você, agora, você tem que brincar ali com teus colegas". Já a professora 1 diz não focar na sexualidade em sala por não se sentir à vontade em abordar a temática com seus alunos.

Quando não há conhecimento sobre o assunto, bem como preparo antecipado para abordar tal tema, acontece o que as professoras citaram acima: medo de abordar tal temática, trabalhando, muitas vezes, de forma superficial. Se houvesse um planejamento nesse sentido, e as professoras fossem se preparando previamente muitos constrangimentos e inseguranças poderiam ser evitados. Outro motivo citado pela não elaboração de trabalhos sistematizados é relacionado ao entendimento dos pais. A professora 1 diz que "[...] cada um explica para o seu filho da maneira que quer, de repente um pai pode achar bem legal eu trabalhar esse tema na sala, mas talvez outro pai não goste. Então eu fico mais neutra". Ela afirma que não se sente confortável em invadir o espaço familiar. Da mesma forma, a professora 2 mencionou um caso de um menino que chegou contando que a mãe estava querendo engravidar e que era preciso plantar uma sementinha dentro da barriga. A professora não entrevistou dizendo que estava certo ou errado o que a mãe havia dito por que cada um tem um jeito para ensinar seu filho, "eu não posso falar para uma criança de cinco anos que sua mãe está errada, que não é assim que funciona". É evidente que a educação dada pelos pais deve ser respeitada e que o professor deve ter bom senso ao trabalhar estas questões,

mas, para que não haja esse conflito de informações, se faz necessária a articulação da escola com a família, um trabalho em conjunto; pois a educação sexual não se inicia no ambiente escolar e sim no núcleo familiar desde o nascimento da criança.

Em seguida, perguntamos se as professoras acreditam estar preparadas para lidar com essas questões, e todas responderam que não. A professora 1 comentou que trabalhou no ano anterior com o projeto "cada um tem o seu ninho", no qual foi elaborado um painel com fotos das mães grávidas e fotos dos bebês já no colo das famílias, a professora afirma que teve dificuldades em trabalhar tudo do livro "De onde vem os bebês?": "[...] só trabalhei as partes mais convenientes pra mim né, algumas coisas eu dei uma pulada assim". A professora 3 nos diz que sente certo receio sobre o quê falar, até que ponto ela pode ir. Já a professora 2 diz que há dias que não está preparada para responder a nenhuma questão feita pelas crianças. A professora 4 nos conta que nunca estudou nada sobre o assunto e não sabe se o modo como age é correto ou errado:

Todos os anos sempre tem uma ou outra pessoa que a gente tem que lidar com esse tema a gente acaba só falando ali no dia a dia e não vai procurar saber qual a orientação correta, né, porque você se atropela um pouco nas coisas e você acaba não procurando saber, né, você acha que resolveu daquela maneira.

Da mesma forma, a professora 5 relata sentir-se insegura porque não sabe se é o "certo", não lembra de ter participado de cursos sobre a temática, e tenta "fazer o que pode".

A gente chama a atenção, instrui, mas não sabe se tá fazendo a coisa certa, né, porque a gente não tem nos cursos preparativos da prefeitura que ela oferece nunca a gente teve uma preparação e também na pedagogia até, que a gente fez magistério, nunca, não me lembro de ter falado sobre esse assunto, então a gente faz o que tá ao alcance mesmo, não sei se...só mesmo orientando mesmo.

A resposta que mais nos chamou a atenção foi a da professora 6, que disse que devido à sua experiência como mãe orienta as crianças dentro da sua visão, agindo mais como mãe do que como profissional.

Da minha visão que eu tenho, o mais correto possível, eu fui criada assim, criei meus filhos assim, dentro do que eu acho que é o mais correto possível é assim que eu tento, né, orientar eles, mas numa abordagem mais pedagógica mesmo, eu juro pra você que eu também, nós não tivemos nenhuma formação sobre isso, nós não temos nenhum material que fale sobre isso, eu ajo mesmo, assim, como mãe, mais como mãe do que como profissional.

Vemos aqui uma situação que, provavelmente por falta de formação adequada e sem saber como agir, esta professora está passando a sua visão, a sua forma de entender a sexualidade para as crianças. Isso pode, eventualmente, mostrar-se inadequado; como vimos anteriormente, segundo os PCN's, devemos buscar imparcialidade pessoal frente a esta tarefa e ter como objetivo auxiliar a criança em suas descobertas, bem como buscar abordar diferentes visões presentes na sociedade, sem impor o que deve ou não ser feito. (BRASIL, 1997b, p.83). Mais uma vez destacamos a dificuldade de se trabalhar tal tema, visto que somos indivíduos possuidores de valores pessoais que foram construídos desde o nascimento, que podem impedir o alcance dessa imparcialidade.

Como não se sentem preparadas, indagamos se esse assunto (o próprio despreparo) é discutido entre elas. As professoras da escola particular disseram procurar a coordenação para sanar suas dúvidas sobre o que fazer a respeito do assunto, enquanto as professoras da escola pública disseram que o fato só é conversado quando ocorre constantemente. Existiram situações em que já chamaram a criança para conversar e não adiantou, então reúnem-se para conversar, geralmente no dia da permanência, para verificar se estas situações estão acontecendo também nas outras turmas e quais atitudes as colegas tomaram; se o caso for considerado muito sério encaminham para a pedagoga e chamam os pais para conversarem conjuntamente. Acreditam que a visão dos professores em geral para conversarem entre si sobre o assunto é boa, não havendo nenhum tabu para abordá-lo. A professora 6 diz: "eu não vi nenhum tabu entre a gente pra conversar sobre isso, dentro das limitações de cada um, por que cada um tem uma formação educativa que traz de casa né, aí cada um tem uma visão daquilo, de como é, ou tem uns que é mais liberal". A professora 4 completa: "alguns se sentem mais à vontade, outros menos à vontade". E, realmente, foi isso que percebemos durante as entrevistas, algumas de início estavam mais tímidas, enquanto outras demonstravam tranquilidade, acreditamos também que o

fato de realizarmos a pesquisa coletivamente favoreceu as docentes para que pudessem sentir-se mais à vontade do que se esta fosse realizada individualmente. Sobre a visão dos pais acerca da sexualidade infantil, as professoras da instituição privada afirmaram não saber, enquanto que as professoras da instituição pública informaram que muitos sentem-se surpresos, superprotegendo os filhos e não acreditando que estejam agindo de determinada maneira. A professora 6 considera que os pais não conhecem seus filhos, são “irresponsáveis”: “não, não é nem proteção, é irresponsabilidade mesmo, eu acho que você não educar ou fingir que teu filho tá tudo bem, que ele tá fazendo, que ele não fez nada, que é isso e aquilo, é irresponsabilidade do meu ponto de vista”. Ela sustenta, ainda, que a falta de tempo é o principal motivo dos pais não conhecerem os filhos, pois saem de casa pela manhã e deixam os filhos no CMEI o dia inteiro:

Eles vem pra cá, ficam o dia inteirinho aqui, daí chega de noite o convívio com os pais é pequeno, então realmente eles não conhecem os filhos que tem, então por isso eu acredito que eles não admitam até “ai meu filho não faz isso” ou quando você até comenta esses casos ele fala “não, é coisa de criança” então eles não dão a devida importância que deveria dar.

Podemos ver que a abordagem de tal assunto é vista pela professora 6 como responsabilidade apenas dos pais, no entanto, acreditamos que o trabalho de orientação sexual deva ser realizado em conjunto, tanto pela família quanto pela escola. Por mais que as docentes reconheçam que as crianças passam a maior parte do tempo nas instituições de ensino, interagindo e aprendendo com as professoras, ainda assim, a temática não é abordada de maneira apropriada.

Bloco 5 - Demonstrações da sexualidade pelas crianças

As respostas foram uniformes quando investigamos se as crianças utilizam termos relacionados aos órgãos sexuais ou ao ato sexual em si. Todas as docentes responderam que não, pois consideram que as crianças ainda não possuem esse conhecimento; no entanto, falam bastante em namorar e beijar na boca. A professora 3 comentou que foi questionada: “porque eu não posso beijar se meu pai e minha mãe beijam?”. Segundo ela, ficou confusa em como explicar isso. Com relação a tirarem

dúvidas sobre gravidez, nascimento, as professoras responderam que não costumam fazer isso, que eles vem com o comentário pronto. A professora 2 diz: “eles já vem com o comentário, como esse do irmãozinho, que a sementinha vai entrar na barriga da mamãe e vai sair um neném [...]. Eu não falei que era mentira, falei ‘ai que legal, então você vai ganhar um irmão’ [...]”.

Perguntamos se há interesse por parte das crianças nos órgãos genitais uns dos outros e no seu próprio. As professoras afirmam que tanto meninos quanto meninas tocam nos seus próprios órgãos, no dos colegas não. Também não costumam ficar mostrando suas partes íntimas, mas a curiosidade existe, principalmente na ida ao banheiro; dão uma espiada e riem, mas nada que pareça ser preocupante, só curiosidade mesmo. A professora 3 diz que seus alunos não têm e costume de colocar a mão nos órgãos genitais e que isso se deva, provavelmente, à pouca idade. A professora 6 relatou que, na fila, um menino estava erguendo a saia da menina e olhando, enquanto a professora 2 mencionou um aluno autista que abaixava as calças e andava pelado pelos corredores da escola, causando, de início, muito alvoroço entre as crianças. Macedo (2003, p.4) assegura que mostrar o corpo faz parte da fase de exploração, pois a criança quer mostrar para os outros sua descoberta como um brinquedo novo que é exibido.

Quanto às situações de masturbação presenciadas em sala, as mesmas acontecem em ambas às instituições. A professora 1 diz ter tido uma aluna que ficava friccionando a vagina na quina da mesa e ela não havia percebido o que a menina estava fazendo, até que um dia a mãe (que era evangélica) chegou para buscá-la e visualizou a cena, logo repreendendo-a: “‘você vai apanhar’ ela falava, ‘eu já falei com você e com o teu pai, você vai apanhar’, ela tinha três anos”. Já a professora 2 relatou que houve uma aluna que massageava o clitóris porque a mãe (que era hippie) havia dito que era importante fazê-lo; a professora diz que não teve reação para repreendê-la ou concordar com a situação. Aqui observamos uma questão de cunho cultural, pois de um lado temos a mãe evangélica, super-rígida, repreendendo com ameaças a criança, e de outro lado a mãe hippie, que considera como algo natural, que deve ser estimulado. Ambas as situações chocaram as professoras, pois nunca haviam passado por isso anteriormente.

Para Nunes e Silva (2000, p. 77-78) a satisfação proporcionada às crianças pela manipulação obedece a impulsos biológicos que permitem a apropriação de sensações prazerosas e suas potencialidades, visto como uma descoberta do próprio corpo. Por vezes é um impulso involuntário que a criança realiza, mas o fato de lhe causar prazer faz com que continue se tocando. A professora 1 menciona: “era com muita intensidade, não era uma coisa suave, não sei se eles tem noção, eu acho que eles vão, não sei, eu acho que vai aumentando o querer aquele prazer, o aumentar aquele prazer”.

Sobre a introdução de objetos na vagina ou ânus as professoras da instituição privada relataram que o único caso foi o da aluna que introduziu um pedaço de massinha de modelar na vagina, essa aluna era a mesma que a mãe ensinou a massagear o clitóris. A professora não presenciou a cena, só ficou sabendo porque a mãe comentou que ao chegar em casa percebeu que a filha estava com a massinha de modelar na vagina. A coordenadora desta instituição nos relatou também um caso que aconteceu nas séries iniciais de um menino que levava outros meninos ao banheiro e "brincava de colocar o pipi na bunda deles". Um primo fez isso com ele e desde então ele faz nos amigos de outra série. Disse também que foi conversado com a mãe que explicou à criança que ele não pode fazer isso com os colegas. Por outro lado, na escola pública, duas professoras disseram nunca ter presenciado e uma terceira afirmou ter tido uma forte experiência nesse sentido, pois testemunhou uma situação que envolveu aproximadamente seis crianças na semana de integração em outro CMEI que trabalhava. Um menino introduziu uma tampinha de garrafa na vagina da colega e foi preciso chamar socorro médico para examinar a aluna, felizmente não aconteceu nada mais grave. Nunes e Silva (2000, p.55) afirmam que sanar as dúvidas das crianças respeitando os limites de compreensão é de grande importância para evitar distúrbios de personalidade e comportamento nesses sujeitos.

Referentemente aos jogos sexuais (brincadeiras de médico e paciente, brincadeiras de casinha e outros tipos em que as crianças possam incluir comportamento sexual como exploração do corpo, regiões genitais e treinamento do ato sexual), as professoras 1 e 2 presenciaram em instituições diferentes casos de meninos deitados em cima de meninas e em ambas situações elas pediram que os

meninos saíssem de cima das garotas, alegando que eram mais pesados e poderiam machucá-las. As professoras afirmaram, ainda, que, essas situações foram representadas em sala e ao perguntarmos se ocorriam na frente das docentes ou em áreas isoladas, elas responderam que em nenhum momento os alunos se esconderam para realizá-las. Já na instituição pública as crianças brincam de casinha, representam o papai e a mamãe, mas não chegam a representar o ato sexual; quando deitam uma ao lado da outra olham para a professora para ver se ela aprova o que estão fazendo e logo saem das posições. Estas professoras acreditam que as representações sejam inocentes.

Perguntamos ainda às professoras se durante a trajetória escolar de cada uma houve alguma situação relacionada à sexualidade que marcou sua vida. A professora 1 nos diz que a situação que mais marcou foi a aluna que ficava “esfregando” a vagina na mesa provocando sensações prazerosas e ela nem desconfiava o que a menina estava fazendo. Já a professora 2 diz ter sido a aluna que massageava o clitóris em sala com o consentimento da mãe e que introduziu uma massinha de modelar em seu órgão genital. Na instituição pública a professora 4 diz não ter uma experiência marcante a não ser o fato de os alunos do pré esconderem-se em baixo da mesa para beijar, na sua própria visão nada muito sério. Em oposição, a professora 5 afirma ter ficado chocada com a situação em que o coleguinha introduziu uma tampinha de garrafa na genitália da aluna dentro da instituição e, por fim, a professora 6 nos diz que lhe chama a atenção uma de suas alunas que tem 4 anos e chora compulsivamente por querer ser adulta para poder namorar.

Para finalizar este bloco, questionamos quais são as atitudes das professoras diante das demonstrações da sexualidade infantil, se costumam agir de maneira permissiva ou restritiva. A professora 2 disse: “não permito, mas também não proíbo, eu procuro mesmo é tirar o foco da situação, não sei se é certo ou errado [...] acho que a gente não tá preparado ainda para lidar com isso”, em outro momento da entrevista afirma que a curiosidade é importante para o desenvolvimento até na vida adulta, diz que a repreensão pode levar o aluno a acreditar que é algo errado.

Às vezes olhar um aluno que se masturba né, porque as meninas tem mania e você falar não faça isso, que coisa feia, que coisa, que coisa errada, ela vai

levar isso para a resto da vida como se fosse uma coisa errada ela se conhecer, ela sentir prazer, ela vê ali um ponto onde sente prazer 'nossa então isso é errado, então não posso'.

As professoras da instituição pública afirmaram ter uma posição mais restritiva, chamando a atenção quando algo acontece e usando o caso como exemplo para explicar aos outros alunos. Percebe-se que as professoras apresentam atitudes mais voltadas para desviar a atenção da criança daquilo que estava fazendo do que investir na explicação da sexualidade. Segundo Macedo (2003, p.2), a brincadeira entre crianças ou a exploração do próprio corpo não constitui um problema; no entanto, a repressão do adulto a esses fatos quando grita, proíbe ou castiga transmite valores de certo ou errado para algo que é natural do indivíduo.

Bloco 6: Adultização Precoce e Abuso Sexual Infantil

Sondamos se as professoras percebem a adultização precoce atingindo as crianças, quais seriam as principais causas e se consideram este comportamento prejudicial à sexualidade infantil. Todas dizem perceber que as crianças estão se tornando “mini adultos”, seja na forma de se vestir, de se maquiar, e até de se comportar. As principais causas, segundo elas, seriam a permissividade dos pais, que alegam não ter tempo para os filhos e então deixam fazer o que querem como forma de compensar a falta; o exemplo dado pelos mesmos, pois as crianças reproduzem aquilo que veem; o mercado, seja de vestuário e acessórios, seja de música, e também a alimentação. Todas concordam que a adultização precoce pode ser prejudicial à sexualidade infantil, pois isso a torna mais aflorada, antecipa etapas, além de que a mudança no comportamento infantil contribui para a deturpação da imagem da criança, podendo torná-la um objeto sexual, sendo exposta ao risco de abuso sexual.

As educadoras acrescentam que as medidas a serem tomadas para evitar a adultização dentro da instituição deveriam ser focadas no cuidado pedagógico ao preparar uma aula e no exemplo que é passado pelo professor dentro de sala. A professora 6 acredita que “é um trabalho conjunto entre pais e educadores, é, eles falam tanto, a educação fala tanto nessa interação entre pais e a escola e, na realidade, ela não acontece”. Macedo (2003, p.3) afirma que o estímulo à precocidade e aos

comportamentos idênticos aos de adultos são influenciados pelo que as crianças veem com as cenas de beijos e carícias na televisão, sendo que esse cotidiano estimula tais comportamentos.

Sobre a questão do abuso sexual infantil perguntamos as professoras se já detectaram alguma situação que indicasse abuso, bem como quais foram os sinais, quais foram suas atitudes, e, caso contrário, o que fariam se percebessem. De acordo com as professoras, na instituição pública nunca foi constatado nenhum caso. Da mesma forma, na instituição particular as professoras nunca presenciaram situações que se confirmaram, apenas suspeitas. A professora 1 relatou o caso de um senhor que era jardineiro na escola em que ela trabalhava; ele havia sido indicado pela família, e, como tinha intimidade com a criança, chamava-a para abraçá-la abaixado no chão. Segundo a professora, por mais que tentassem não visualizar maldade neste ato, era praticamente impossível. A professora 2 citou um aluno que cantarolava músicas típicas de filmes eróticos; ao questionar a mãe, esta informou que a criança ficava com um tio e este passava filmes pornográficos para o menino assistir. Se aconteceu algo a mais com o menino a professora não soube dizer. Para elas, os sinais que poderiam caracterizar o abuso sexual seriam a mudança de comportamento da criança, extravasando ou reprimindo, ou, até mesmo, através da reprodução do que lhe é feito ou presenciado. Quanto às atitudes que tomariam, duas professoras disseram que provavelmente se sentiriam constrangidas em falar com os pais, mas que levariam o caso à pedagoga e à diretora; a terceira disse que não ficaria constrangida e que tomaria todas as medidas possíveis para descobrir se realmente era um caso de abuso sexual, encaminhando a criança para o médico e psicólogo, bem como solicitando um laudo para investigar mais a fundo o que poderia estar acontecendo. Suplicy (1999, p. 20-21) relata que a criança pode dar sinais de que está sofrendo abuso por meio da hiperexcitação, sendo que para esta autora o abuso sexual infantil tem aumentado significativamente.

A atitude provavelmente mais adequada enquanto professora é comunicar a pedagoga e a direção da escola na primeira suspeita, de maneira que estas entrem em contato com os pais, investiguem e, se preciso, acionem o Conselho Tutelar. Por mais que não queiram se envolver por medo de represália, deixar que a criança continue

passando pela situação de abuso não é uma atitude responsável. Existem formas de intervir sem que seja preciso se expor, encaminhando a criança para acompanhamento psicológico e médico no intuito de realmente confirmar ou não o abuso sexual infantil.

Percebemos, por meio das questões abordadas, que as professoras não se sentem capacitadas para abordar a temática dentro da sala de aula; as instituições não têm investido em capacitações sobre a sexualidade infantil; a fuga tem sido a melhor resposta dada as manifestações da sexualidade, mesmo sabendo que se trata de algo importante para o desenvolvimento pleno da infância.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou conhecer a visão de sexualidade pessoal e infantil, a percepção das manifestações da sexualidade de crianças na escola e principalmente a abordagem dada dentro da instituição escolar, de professoras da Educação Infantil que atendem a crianças de três a cinco anos de idade. É evidente que a pesquisa realizada não teve como intenção dar respostas à todas as problematizações referentes a esta temática, mas sim, levantar informações a respeito das inquietações que apresentávamos no início deste trabalho (é normal uma criança masturbar-se? É normal esta atitude junto aos seus coleguinhas? Como estas situações são percebidas pelos professores? Como estes compreendem esses comportamentos e agem diante deles? Como devem proceder perante situações como a citada anteriormente? Há diálogo entre professores e os pais sobre esse assunto? Essas manifestações possuem alguma relação com a adultização precoce? Podem ser sinais de abuso sexual infantil?), e perceber se tais questionamentos estavam acontecendo dentro das duas instituições de ensino averiguadas.

Observamos claramente que as manifestações da sexualidade infantil se fazem presentes na escola, demonstrando que isso é algo natural do indivíduo, que as crianças não são seres assexuadas, que faz parte do conhecimento de si e do seu pleno desenvolvimento, e que estas situações vão acontecer, de forma mais explícita ou não, com dúvidas sanadas ou não, sendo repreendidas ou não.

Constatamos ainda que, infelizmente, o tema da sexualidade tem sido deixado de lado como parte do planejamento das instituições de ensino, principalmente quando se trata da Educação Infantil. Por mais que em suas falas as professoras afirmem compreender que a sexualidade está diretamente ligada ao desenvolvimento do indivíduo, ainda assim, a abordagem do tema só é contemplada quando ocorre alguma situação que exige um posicionamento. A escola, como espaço formativo, espaço de troca de informações, designada a educar e instruir, tem o dever de incorporar esta temática no Projeto Político Pedagógico (PPP), porém, não como algo que fique só no papel, mas como um planejamento real, trabalhado primeiramente com os professores,

discutido, estudado, para então ser realizado com as crianças, de forma comprometida e consciente.

As entrevistas nos possibilitaram ver que efetivamente as professoras não possuem formação adequada para realização deste trabalho. Por não conhecerem a respeito, sentem-se constrangidas, inseguras, com medo de realizar um trabalho inadequado, preferindo, muitas vezes, omitir-se da responsabilidade, desviando a atenção das crianças para outras atividades, ao invés de realizar um trabalho de orientação, esclarecimento das dúvidas e das curiosidades.

As docentes demonstraram, além disso, que apresentam dificuldade de como proceder diante das manifestações sexuais, tendo um posicionamento mais restritivo, que pode expor a criança e prejudicar o desenvolvimento saudável da sua sexualidade.

Diante disso, queremos enfatizar a urgente necessidade de uma reorganização tanto das instituições de formação de professores, que tem deixado a desejar não trabalhando aprofundadamente com os futuros docentes estas questões, quanto das políticas governamentais, que somente há pouco tempo passaram a valorizar esta temática, não tendo nos documentos publicados garantia de eficácia do trabalho dentro das instituições, bem como das próprias instituições, que não oferecem aos professores cursos voltados para a sexualidade infantil, nem incentivam os docentes a buscarem atualização especializada continuamente, e também não oportunizam espaços para debates, estudos da produção acadêmica da área e reflexões a respeito.

Concluimos, portanto, que é de fundamental importância que as medidas citadas acima sejam adotadas, como forma de melhoria para a formação integral da criança, mas que principalmente haja uma superação na forma de enxergar a sexualidade infantil, que preconceitos possam ser esclarecidos, mitos e tabus desmistificados, que os docentes, tanto os antigos como os futuros, estejam abertos a novas ressignificações e a novas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria de Fátima. **Violência e Abuso Sexual na Família**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002.

BARROS, Renata Armelin Ferreira et. al. **Crianças como pequenos adultos? Um estudo sobre a percepção da adultização na comunicação de marketing de empresas de vestuário infantil**. Sociedade, Contabilidade e Gestão, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p.06-20, set/dez 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 8. – Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 10.2. – Brasília: MEC/SEF, 1997b.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 2. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRINO, Rachel de Faria. **Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil**. Cadernos de pesquisa, n. 119, julho/ 2003.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e Infância(s) – A sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

FREITAS, Dilma Lucy de. **Pressupostos de uma formadora em educação sexual: lições da prática. Que rastros temos deixado pelo caminho?** Contexto e Educação. Editora Unijuí, ano 27, n. 88, p.35-61, Jul./Dez. 2012.

FREUD, Sigmund (1905). **Três EnsaioS Sobre a Sexualidade Infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, p. 163-217. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. vol.7)

_____. (1907). **O Esclarecimento Sexual das Crianças** (Carta aberta ao Dr. M. Fürst). Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 123-129. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol.9).

_____. (1908). **Sobre as teorias sexuais das crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c, p.191-204. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. vol.9)

_____. (1915-1917). **Conferência XX e XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d, p.309-342. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. vol.16)

HABIGZANG, Luísa F. et. al. **Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 21 n. 3, p. 341-348, Set-Dez 2005.

LEVIN, Diane E; KILBOURNE, Jean. **A infância perdida: como orientar nossas crianças na era da sexualidade precoce**. Tradução Henriette Scholtza. São Paulo: Editora Gente, 2009.

MACEDO, Lulie. **Quando a sexualidade engatinha**. Jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 07 set 2003. Revista da Folha. Disponível em <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/sexualidadeinfantil1.html> acesso em 26 out 2014.

NUNES, César A. **Filosofia, sexualidade e educação. As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação: Unicamp, 1996.

NUNES, César. SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores associados, 2000.

SILVA, Maria C. Pereira (org). **Sexualidade Começa na Infância**. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2006.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos**. São Paulo: FTD, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	65
APÊNDICE 2 - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	68
APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - VIA DO PARTICIPANTE.....	69

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Pessoal

- Idade
- Sexo () M () F
- Estado Civil () Casado (a) () Solteiro (a) () Divorciado (a) () União estável
- Possui filhos () sim () não

*Se sim, qual a idade?

2. Profissional

- Formação
- Formação Continuada
- A quanto tempo trabalha na área da Educação? E na Educação Infantil?
- Já trabalhou em outra instituição? Por quanto tempo?

(escola pública)

- A Prefeitura Municipal de Curitiba oferece cursos de capacitação?
- Se sim, dentre estes cursos, a temática sexualidade infantil é abordada?
- Se não, você busca se atualizar? Escolheria cursos sobre esta temática? Porque?

(escola privada)

- Esta Instituição oferece cursos de capacitação?
- Se sim, dentre estes cursos, a temática sexualidade infantil é abordada?
- Se não, você busca se atualizar? Escolheria cursos sobre esta temática? Porque?

3. Sexualidade

- O que você entende por sexualidade?
- Como você vê a sexualidade infantil?

4. Sexualidade na Educação

- Trabalha questões relacionadas a sexualidade com seus alunos?
- Se sim, como? Eventualmente ou através de aulas previamente planejadas?
- Se não, porque?
- Você considera-se preparado (a) para lidar com questões relativas a sexualidade que as crianças apresentam? Este assunto é discutido entre os professores da Educação Infantil?
- Se sim, qual a visão geral dos seus colegas?
- Se não, porque?
- Este assunto é discutido com os pais?
- Se sim, de que forma?
- Se não, porque?
- Na sua opinião, qual o entendimento dos pais sobre este assunto?

5. Demonstrações da sexualidade pelas crianças

- Com que frequência palavras e expressões sexuais são ouvidas em sala de aula? (relacionadas aos órgãos sexuais, ao ato sexual, etc...)
- As crianças tiram dúvidas com os professores relativas à sexualidade? (gravidez, nascimento, diferenças anatômicas entre sexos, significados das expressões sexuais)
- As crianças desejam e procuram o contato físico com os professores? (ser tocado, beijado, ficar perto, sentar no colo)
- As crianças demonstram interesse em seus próprios genitais e nos das outras crianças?
- Já presenciou situações de masturbação na escola? Se sim, como reagiu?
- Ocorrem jogos sexuais entre as crianças? (brincadeiras de médico e paciente, brincadeiras de casinha e outros tipos onde as crianças possam incluir comportamento sexual como exploração do corpo, regiões genitais e treinamento do ato sexual)

- Se sim, onde ocorrem estes jogos? (áreas isoladas? As crianças se perturbam com a presença dos adultos?)
- Já presenciou situações em que as crianças se despiram, introduziram dedos ou objetos no ânus ou na vagina?
- Relate alguma experiência relativa à sexualidade das crianças que foi marcante em sua experiência profissional
- Diante das demonstrações da sexualidade infantil qual a sua atitude? Permissiva ou restritiva? Na sua opinião, qual a atitude mais acertada?

6. Adultização precoce e abuso sexual infantil

- Você percebe a adultização precoce atingindo as crianças? Como? Na sua opinião, quais as causas da adultização precoce? Você considera este comportamento prejudicial à sexualidade infantil? No seu entendimento, quais medidas devem ser tomadas com relação à adultização precoce?
- Já constatou alguma situação característica de abuso sexual infantil? Se sim, como percebeu? Quais os sinais? Quais medidas foram adotadas? Se não, o que faria se constatasse casos de abuso sexual infantil?
- Na sua opinião, crianças que são abusadas reproduzem este comportamento nas outras crianças?

APÊNDICE 2 - CARTA DE APRESENTAÇÃO

Como alunas da Graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Paraná-UFPR, nós, Maridelza Luciano Cavalli e Suellen Ramos Corrêa Vettorello, solicitamos a V.S^a autorização para efetivar neste estabelecimento de ensino _____ nossa investigação científica referente ao Trabalho de Conclusão de Curso: “Abordagem da Sexualidade na Educação Infantil”.

A presente pesquisa tem por finalidade compreender as concepções de sexualidade que trazem os professores deste espaço educativo e relacioná-las aos comportamentos sexuais dos educandos desta fase da Educação Infantil, com vista à melhoria da prática educativa exercitada neste cotidiano.

Será realizada como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada com as educadoras deste estabelecimento de ensino. Sendo observada a discrição inerente a um trabalho de pesquisa, será garantido o sigilo das identidades em todo o processo. O tempo médio calculado para a entrevista é de aproximadamente uma hora, considerando a premência de horários e das atividades dos participantes envolvidos.

Desejando obter informações sobre o andamento do projeto ou esclarecer eventuais dúvidas, estamos à disposição nos telefones (041) 8505-5376 (Maridelza) / (041) 9929-0838 (Suellen) ou por meio dos emails maridelza@ufpr.br / suellenvettorello@hotmail.com.

Atenciosamente,

.....
 Maridelza L. Cavalli
 Graduanda UFPR

.....
 Suellen R. C. Vettorello
 Graduanda UFPR

.....
 Dra. Helga Loos-Sant'Ana

APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - VIA DO PARTICIPANTE

Você está sendo selecionado para participar da pesquisa “*Abordagem da Sexualidade na Educação Infantil*”, que tem por finalidade discutir a importância da inclusão da temática da sexualidade no cotidiano escolar, como instrumento de melhoria da prática educativa, preocupação de educadores, pais e gestores. Entretanto, essa participação não é obrigatória, ficando-lhe facultada a desistência ou a retirada do consentimento, sem qualquer prejuízo pessoal.

Sua participação consistirá em ser entrevistado pelo pesquisador, durante cerca de uma hora, fornecendo informações e reflexões sobre o seu entendimento acerca de sua formação docente, de sua prática escolar cotidiana e das concepções que traz sobre a sexualidade infantil.

Não há nenhum risco relacionado com a sua participação e não será necessária a realização de qualquer exame físico ou de laboratório para esse trabalho.

As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e assegurase o sigilo de sua participação. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar a sua identificação, sendo-lhe garantida a privacidade.

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e os benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

.....

Maridelza L. Cavalli
Graduanda UFPR

.....

Suellen R. C. Vettorello
Graduanda UFPR

.....

Entrevistada